



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IFBA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO – COMPUT

**O USO DO WHATSAPP COMO FERRAMENTA PARA TRANSMISSÃO DO
SABER NO ILÊ AXÉ ALAKETÚ OJO L'ONIN**

MOISÉS SANTOS DO NASCIMENTO

Valença
2018

MOISÉS SANTOS DO NASCIMENTO

**O USO DO WHATSAPP COMO FERRAMENTA PARA TRANSMISSÃO DE SABER
NO ILÊ AXÉ ALAKETÚ OJO L'ONIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia como requisito obrigatório para
obtenção do título de Licenciado em Computação

Banca Examinadora

Prof^a. Ms. Eliete da Silva Barros
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Prof. Ms. Lúcio André Andrade da Conceição
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Prof^a. Dr. Genny Magna de Jesus Mota Ayres
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Valença, 21 de Junho de 2018

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,

Dedico este trabalho aos meus pais, pois sendo chamados de loucos, colocaram 7 filhos na cidade, formaram todos os 7, e agora com muita luta, graduam mais um.

AGRADECIMENTOS

Modupé

Agradeço e peço licença a todos os encantados. Por estarem comigo e permitirem a realização desta pesquisa. *Modupé*

Obrigado aos meus pais Dona Maria e Seu “Bê”, por terem me ensinado o caminho certo por onde andar e terem investido em minha educação mesmo com toda dificuldade.

Obrigado a Labatynan ty Òyá e a Fabrício (Fal) pelas contribuições, por estarem ao meu lado quando precisei, e pelos puxões de orelha e palavras de carinho. “Juntos somos mais...”.

Obrigado aos meus orientadores por terem aceitado viajar comigo nessa loucura, pelas orientações e “chateações” que sei que causei, e por não terem desistido de mim.

Ao meu Babá, Fábio de Logun Edé, por ter aberto as portas do grupo para mim, por tanto ter contribuído e instruído e, por estar sempre pronto a responder minhas perguntas, sem sua contribuição este trabalho não teria a forma que tem.

A toda família Ojo L'onin, obrigado por terem me aceito como parte da família, com vocês aprendi muito e descobri um novo eu.

Aos queridos amigos, Arilma, Edilmar, Ester e Drica, iniciamos juntos essa jornada, e juntos estamos concluindo, sem vocês os dias no instituto não teriam a mesma cor.

Meus irmãos que tanto me ajudaram e incentivaram nessa jornada, obrigado!!!

Ao querido amigo Nuno Cunha que tantas vezes abriu sua casa e seus braços para minha estadia durante os anos no instituto e a realização desta pesquisa.

A todos os colegas do IFBA, os egressos e os que ainda permanecem no instituto, obrigado e contem comigo.

EPÍGRAFE

“Esta é uma nação erguida por seis milhões de braços escravos – e sobre três milhões de cadáveres”
(BUENO, 1958)

RESUMO

Este trabalho analisa o uso dado ao whatsapp no Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin, terreiro de candomblé situado na cidade de Itabuna-BA. Usando a etnografia virtual, ou netnografia, fiz o acompanhamento do grupo criado pelo Babalorixá responsável pelo terreiro, buscou-se entender como acontece o processo de transmissão de saber nesse ambiente virtual, mapear os usos do aplicativo e discutir seus significados para os membros da comunidade. Foram utilizados os conceitos de ciberespaço e cibercultura, pedagogia do candomblé e redes educativas, pois o candomblé é uma religião de matriz africana que em sua organização interna possui rede educativa, já que no seu contexto é possível adquirir conhecimento de diversas formas, essa rede é ampliada a partir da sua inserção no ciberespaço, no terreiro pesquisado essa inserção ocorre através do uso do aplicativo whatsapp, na qual pedagogia do candomblé praticada no espaço físico do terreiro é adaptada para o mundo virtual. Para que este estudo fosse possível, foi utilizado o método de pesquisa baseado na etnografia, a netnografia onde o pesquisador é também participante, assumindo a posição de pesquisador *insider*, devido ao grau de aproximação com o objeto, as técnicas de coleta de dados envolveram entrevista semiestruturada realizada através do whatsapp e acompanhamento online do grupo, foi feito também uma observação *offline*, ou seja no espaço físico de um terreiro ligado a família Ojo L'onin. Os resultados obtidos apontaram para a utilização do aplicativo principalmente como ferramenta de transmissão do saber, através de estratégias ou técnicas de ensino desenvolvidas pelo Babalorixá.

Palavras chave: Candomblé; Whatsapp; Cibercultura; Transmissão de saber;

ABSTRACT

This work analyzes the use of whatsapp in the Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin, candomblé terreiro located in the city of Itabuna-BA. Using virtual ethnography, or netnography, I followed the group created by Babalorixá responsible for the terreiro, sought to understand how the process of transmission of knowledge in this virtual environment, mapping the uses of the application and discuss their meanings to members of the community . The concepts of cyberspace and cyberculture, pedagogy of candomblé and educational networks were used, because candomblé is a religion of African origin that in its internal organization has an educational network, since in its context it is possible to acquire knowledge in several ways, this network is extended from its insertion in the cyberspace, in the terreiro researched this insertion occurs through the use of whatsapp application, in which pedagogy of candomblé practiced in the physical space of the terreiro is adapted to the virtual world. To make this study possible, we used the research method based on ethnography, the netnography where the researcher is also a participant, assuming the position of insider researcher, due to the degree of approach to the object, data collection techniques involved interview semi-structured through the whatsapp and online follow-up of the group, was also made an observation offline, that is in the physical space of a terreiro linked to the Ojo L'onin family. The results obtained pointed to the use of the application mainly as a transmission tool of knowledge, through strategies or teaching techniques developed by Babalorixá.

Key words: Candomblé; Whatsapp; Cyberculture; Transmission of knowledge;

LISTA DE FIGURAS

Exú o comunicador:

Figura 01: print de uma interação no grupo. Autor: Moisés, 2018.

Ensinando e aprendendo:

Figura 02: uma das enquetes promovidas no grupo. Autor: Moisés, 2018.

Figura 03: apontamento sobre tipos de *Edjé* – sangue. Autor: Moisés, 2018.

Samba de caboclo:

Figura 04: pergunta sobre caboclos. Autor: Moisés, 2018.

Figura 05: Áudios com cânticos do *xirê*. Autor: Moisés, 2018.

A bença Babá:

Figura 06: Babá envia vídeo ensinando o *adobá*. Autor: Moisés, 2018.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. JUSTIFICATIVA	12
1.2. OBJETIVO GERAL	14
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
1.4. METODOLOGIA	14
2. INICIANDO OS TRABALHOS: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E APRESENTAÇÕES.	18
2.1. AS REDES EDUCATIVAS, O CIBERESPAÇO E A PEDAGOGIA DO CANDOMBLÉ	18
2.2. CANDOMBLÉ: DA ÁFRICA PARA O BRASIL	21
2.3. ILÊ AXÉ ALAKETÚ OJO L'ONIN	25
3. O WHATSAPP NO TERREIRO: UMA ARTIMANHA DE EXÚ, O COMUNICADOR	26
3.1. ENTRE OS DOMÍNIOS DE EXÚ, O WHATSAPP	28
3.2. O USO DO WHATSAPP NO OJO L'ONIN	31
4. SABERES <i>ONLINE</i> E <i>OFFLINE</i>	31
4.1. OS CONTEÚDOS	31
4.2. ENSINANDO E APRENDENDO	32
4.3. O SAMBA DE CABOCLO	35
4.4. A BENÇA, BABÁ	38
5. NANÃ, EXU E OGUM: O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO AS TDICES	41
5.1. É O FIM DO TERREIRO?	44
6. OXALÁ ANUNCIA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
GLOSSÁRIO	48
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

A tecnologia se desenvolveu e atingiu diversas instâncias sociais, sendo assim é inevitável ao candomblé lidar com as TDICEs – Tecnologias da Informação, Comunicação e Expressão, pois o candomblé, que a princípio tem origem aldeã não poderia ficar alheio aos avanços de sua época. É possível dizer que na medida em que se desenvolve a tecnologia, esta vai ocupando diversas instituições sociais, inclusive os terreiros.

O candomblé é uma religião de matriz africana que se desenvolveu nos quilombos do Brasil, onde os negros oriundos de diferentes regiões do continente africano se misturaram. Medeiros (2014) afirma que a organização social em África “era feita a partir de grupos étnicos, onde cada etnia cultuava o Orixá, *Voduns* ou *Inquices* e ancestrais daquela região, era a ele que cada um e cada uma fazia suas rezas e oferendas, sendo ele/a o protetor do clã.” (p.734) Ao colocar esses grupos em um mesmo ambiente ocorre a identificação cultural proporcionando o nascimento do candomblé.

Mesmo com a necessidade em manter as tradições, alguns autores como Freitas (2015), Silva (2013), Tramonte (2003) e outros, mostram que a religião vem se adaptando as tecnologias. Dessa forma o candomblé entra no ciberespaço e suas informações, rituais além de alguns serviços relacionados a religião, agora são compartilhadas em rede, nas páginas da internet e mais recentemente em grupos de whatsapp.

Esse aplicativo de mensagens instantâneas, o whatsapp, presente na maioria dos *smartphones*, proporciona a criação de grupos onde podem ser compartilhados arquivos de voz e vídeo, textos, etc. Os grupos no aplicativo se popularizam devido a facilidade com que informações podem ser compartilhadas e discutidas, tal característica serviu para que fossem usados pelo povo de santo, nos chamados “grupos de axé”, desse modo cabe pensar em como é constituída a sociabilidade neste ambiente, de forma a entende como os candomblecistas se beneficiam com o uso das TDICEs.

A sociabilidade, no ciberespaço vai sendo construída a partir da interação dos usuários conectados à internet, dando origem a cibernsocialidade (MORAIS, 2010) e, desse modo colonizam a rede construindo uma sociedade própria na qual Castells (1996) diz que é impossível ser apenas passivo, pois a gama de interações e atuações postas ali, estão sempre em movimento de busca e produção.

Em meio a esse processo de busca – produção de conteúdos em rede, atua a inteligência coletiva, defendida por Lévy (2003, p.28) como “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada e coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”, ou seja, trata-se da inteligência compartilhada por todos os indivíduos e mediada pelas tecnologias da informação e comunicação. O saber produzido pelos inteligentes coletivos é compartilhado no ciberespaço, que o desterritorializa e permite que indivíduos, independentemente da localização geográfica, possam acessá-lo. É possível afirmar que a inteligência coletiva acontece no ciberespaço, e dele precisa. Podemos ainda inferir que não apenas as TDICEs compõem o ciberespaço, mas sim, todos os usuários e os saberes produzidos por estes.

A cibercultura e o uso das mídias digitais proporcionam o surgimento de *espaçotempos* onde a inteligência coletiva atua, onde a interação com o outro e em coletivos demonstra o aprendizado em rede *dentrofora* do ciberespaço (ALVES, 2012), o que possibilitou a ampliação das redes educativas.

A mesma autora, nos diz que os seres humanos durante a vida se articulam em diferentes redes educativas (escola, religião, política, etc.) nas quais se formam e (re)significam seu “eu” e o “nós”, ou seja, as diversas instâncias sociais onde se é possível adquirir conhecimento e (re)significar sua prática\atuação, formam o que chamamos de rede educativa. Com o desenvolvimento do ciberespaço esses locais e tempos não necessariamente estão simultâneos, pois a cibercultura traz a característica da atemporalidade, além de romper as barreiras geográficas, outra característica que pode ser exemplificada, trata-se da ubiquidade, qualidade das mídias digitais que tornam o indivíduo “onipresente”. Sendo assim, podemos relacionar o conceito de redes educativas a inteligência coletiva, onde o saber é atemporal, desterritorializado e coletivo. Nesse sentido o *candomblé* compõe e é também uma rede educativa, pois no seu contexto existem várias formas de adquirir conhecimento, seja através da observação, os afazeres rituais, conversas informais, etc, todas estas formas são os *nós* da rede educativa do *candomblé*. Com a utilização do ciberespaço, esta rede foi ampliada, fazendo com que as tecnologias digitais também integrem o espaço do terreiro e aumentem as possibilidades de aprendizagem.

O aplicativo de mensagens instantâneas – *Whatsapp*, se tornou um dos mais utilizados pelos jovens para se comunicar rapidamente. O contato dentro desse aplicativo, pode acontecer de pessoa para pessoa ou em grupos criados, com o intuito de unir usuários com interesses em comum. Nesses grupos é possível participar aproximadamente 250 pessoas,

que podem se unir em torno de diversos interesses, no entanto esses grupos são relativamente novos no contexto do candomblé.

O candomblé tem suas estruturas fincadas na tradição oral e na ancestralidade, sendo assim, o conhecimento sobre os ritos, cultos, etc, são passados ao longo dos anos sem que houvesse um livro litúrgico, pois, segundo Cossard – Binon (1991, apud Siqueira 1998 p.203) “a transmissão oral do conhecimento passa a ser veículo do axé do poder, da força das palavras que permaneceriam mortas num texto escrito. A passagem de conhecimento obedece uma hierarquia de cargos e idades de santo, além de ser restrito aos seus adeptos. No seio desta comunidade, existe uma pedagogia própria, descrita no trabalho de Conceição (2006).

Apesar de ter uma pedagogia própria e estruturada, o candomblé se difere da escola, pois seu ensino não é sistematizado nos moldes escolares. É possível verificar no seu processo, o aprendizado humanístico, oral, pautado na observação do cotidiano e vivência na roça, é também voltado para o coletivo, a religião é também rica em seus *Awó*¹, que poderiam perder o sentido diante das tecnologias digitais. Sendo assim, o uso das novas tecnologias e mídias digitais no seu contexto, poderia gerar conflitos, devido as múltiplas significações dadas as TDICES pelos adeptos (PEREIRA & CAPUTO 2014), o que poderia provocar uma certa tensão no meio religioso, porém não é o que está acontecendo no terreiro foco desta pesquisa.

1.1. JUSTIFICATIVA

Motivado pelas inquietações expostas até aqui e a oportunidade de investigar uma comunidade tão rica em capital cultural, na qual participo como membro do Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin, busco justificar esta pesquisa tomando como referência os aprendizados obtidos no primeiro semestre do curso de Licenciatura em Computação. Pois, é ainda no primeiro semestre do curso citado que consta a disciplina de Informática Aplicada à Educação, onde aprendi a utilizar ferramentas computacionais no contexto educacional. Outras disciplinas como, Metodologia e Prática de Ensino da Computação I e II, Ambiente Virtual de Aprendizagem e Software Educacional, (respectivamente no 4º, 5º e 7º semestre); continuam na mesma linha de aprendizagem, diferindo entre si na abordagem e conteúdo.

¹ Segredo. Ver glossário na página 46.

Com essas disciplinas aprendi, a manusear ferramentas tecnológicas para utilizá-las nas futuras aulas. No entanto, apenas usá-las implica mudar a forma com que o conhecimento é aprendido pelo aluno? Apenas inserir ferramentas “novas” no contexto da sala de aula, melhora o processo de ensino-aprendizagem? Questionamentos como estes, me incitaram a formular esta pesquisa e com os resultados, quem sabe, proporcionar possíveis reflexões e alterações metodológicas a fim de considerar as formas com que os alunos já buscam o conhecimento fora das salas de aula.

Utilizo também alguns pontos dos conhecimentos adquiridos na disciplina de CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade); onde, discutimos as relações estabelecidas entre ciência/sociedade, ciência/tecnologia, tecnologia/sociedade, tendo o meu foco nesta última.

Nesta disciplina as discussões possibilitaram a reflexão a respeito do ensino de ciências e o uso indiscriminado da tecnologia, pois devido aos resultados do avanço científico e tecnológico a ciência e a tecnologia tornaram-se alvo de um olhar mais crítico verificado com a integração de CTS no ensino, que para Auler & Bazzo (2001) representa uma tentativa de formar cidadãos, científica e tecnologicamente alfabetizados, capazes de desenvolver ações responsáveis.

Sabendo que o termo tecnologia possui inúmeros significados, a depender da abordagem, é necessário dizer que neste trabalho me refiro às novas tecnologias de base microeletrônica que emergiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 1970 (LEMOS, 2008), e as TDICEs - Tecnologias Digitais da Informação, Comunicação e Expressão, que são,

um conjunto de instrumentos e mecanismos digitais, eletrônicos e virtuais que possibilitam a troca de mensagens e informações, a interação social e o posicionamento dos indivíduos diante de situações, fatos ou pessoas com os quais se relacionam, independentemente de tempo ou do lugar onde se encontram. (MATHIAS & SANTOS, 2014, p.327).

Nesse sentido, acredito que os sujeitos que frequentam os terreiros de candomblé, representam um grupo social, que faz uso específico das TDICEs e que merecem ser investigados de modo que se busque entender como estão sendo utilizadas as novas tecnologias digitais mais comuns entre eles, sendo assim, justifico esta pesquisa com a importância de se entender as relações estabelecidas entre a tecnologia e a sociedade, e se pensar sobre seus usos, crucial para um futuro professor da área de tecnologia.

O whatsapp é uma das tecnologias digitais mais comuns entre os jovens que ocupam as salas de aula, a sua utilização é um tema recente e, as bibliografias sobre o assunto apontam o aplicativo sendo utilizado como uma espécie “mural de avisos”, no entanto pude perceber candomblecistas utilizando-o de modo a se beneficiar de seus diversos recursos, e proporcionando situações favoráveis a transmissão do saber religioso através do aplicativo. Devido a isto, ao observar como a religião lida com a questão dos grupos do *whatsapp* pretende-se responder a questionamentos que delineiam os objetivos desta pesquisa: Quais são os usos dado ao grupo de whatsapp do terreiro? Como é o processo de transmissão do saber religioso via grupo no whatsapp?

1.2. OBJETIVO GERAL

- Analisar o uso do whatsapp pelo Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin para transmissão do saber religioso

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Observar e mapear como é utilizado o grupo *whatsapp* no terreiro;
- Descrever como é tratado o conhecimento religioso via grupo do *whatsapp*;

1.4. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com o objetivo de investigar, o uso do whatsapp pelos integrantes do ILÊ ASÉ ALAKETÚ OJO L'ONIN, terreiro de candomblé situado na cidade de Itabuna – BA, sob a responsabilidade do Babalorixá Fábio Gomes T'Ologunedé, sendo assim a metodologia proposta para a realização desta pesquisa consistiu, em um primeiro momento, no levantamento bibliográfico a respeito dos conceitos de ciberespaço/cibercultura, redes educativas, e a pedagogia do candomblé. Este primeiro momento, que consiste na parte inicial e teórica do trabalho, teve por objetivo angariar conhecimento teórico básico para o aprofundamento necessário a pesquisa.

Tendo uma abordagem qualitativa, o método utilizado foi inspirado na etnografia, método de caráter imersivo onde é necessário o contato direto entre o pesquisador e o objeto de modo intersubjetivo, sobre a etnografia Angrosino (2009) diz que é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (Angrosino, 2009, p. 30). Nesse sentido, a netnografia, trata-se de um ramo da etnografia própria para as investigações em ambiente online, cunhado nos anos 90 por Kozinets como um neologismo para a etnografia quando empregada em ambientes online (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011). Os pesquisadores da área de antropologia preferem utilizar o termo etnografia virtual, ficando netnografia para as pesquisas de negócios e publicidade, no entanto os termos são sinônimos (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011), por este motivo utilizo a netnografia como ponto de partida.

Amaral (2009) apresenta os 4 procedimentos metodológicos básicos para a netnografia descritos por Kozinets; *Entrée* cultural; coleta e análise dos dados; ética da pesquisa; feedback e checagem de informações com os membros do grupo; A autora alerta também, que as etapas não ocorrem de modo ordenado, exceto a primeira o *Entrée* cultural que trata-se da primeira inserção, no entanto podem se fundir ou sobrepujarem ao longo da pesquisa.

Minha inserção no grupo ocorreu de forma tranquila, no dia 03 de fevereiro de 2018, após o levantamento bibliográfico necessário para que ficasse claro alguns dos objetivos e pontos a serem observados. Apesar de já conhecer um pouco da religião, entrei como um novato, como de fato ainda sou, e fui aos poucos me integrando, participando e sendo aceito na comunidade.

Os procedimentos metodológicos da netnografia determinam que os participantes da pesquisa devem saber que estão sendo pesquisados (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011), sendo assim antes da inserção no grupo, conversei com *Babá*, onde expliquei os objetivos da pesquisa e os procedimentos, logo após fui inserido e apresentado ao grupo, como “novo membro da egbé e pesquisador”, *Babá* explicou o objetivo de minha entrada no grupo e os objetivos de minha pesquisa.

Meu foco foi centrado no uso do whatsapp, aplicativo de mensagens instantâneas muito utilizado pelos usuários digitais imersos, grupo do qual faço parte como nativo digital imerso, sendo assim minha inserção nesse ambiente foi tranquilo graças a bagagem que já possuo em relação ao aplicativo. Devido à proximidade com o uso das mídias digitais, algo que não é estranho a netnografia pois como diz Kozinets (2007) apud Amaral, Natal & Viana

(2009) o pesquisador, quando netnógrafo, é um experimentador do campo, que também utiliza o objeto enquanto o pesquisa, porém neste trabalho me coloco como pesquisador *insider* assim como Amaral (2009) em seu trabalho a respeito das práticas comunicacionais usos e apropriações das ferramentas tecnológicas, pois o fato de já possuir bagagem a respeito do campo e intenso uso da internet desde os anos 90, possibilitaram a autora não passar por dificuldades que um imigrante digital não imerso, poderia passar.

Hodkinson apud Amaral (2009) sobre a pesquisa feita por pesquisador *insider* diz que se trata de “um conceito não-absoluto intencionado para designar aquelas situações caracterizadas por um grau significativo de proximidade inicial entre as locações socioculturais do pesquisador e do pesquisado”, nesse sentido, devido ao meu grau de proximidade com as tecnologias e de certa forma, com o candomblé na condição de abian, considero-me também um pesquisador *insider*.

Relacionando o conceito de pesquisador *insider* com a autonetnografia, a autora salienta para tomar cuidado, com a autonetnografia devido a ser um conceito um tanto amplo, cunhado por Kozinets como uma transposição da autoetnografia, fazendo-a preferir utilizar o conceito de pesquisador *insider*, sem, no entanto, separar de fato ambos os termos, dando a entender que são sinônimos, verificado também por se colocar como autonetnógrafa. Aponta os benefícios da pesquisa *insider* ao dizer que este tipo de pesquisa não é isenta de subjetividades, parentescos e experiências do autor que na autonetnografia faz parte dos resultados de pesquisa, sendo assim,

A condição biográfica de insider é valorizada, em regra, como um bem em si mesmo, sem que sejam devidamente problematizadas as possíveis vantagens e armadilhas teóricas e metodológicas desta posição inicial de proximidade subjetiva com a cultura e os indivíduos sob o escrutínio acadêmico (Freire Filho, 2007, p. 91).

A autora continua citando Hodkinson (2005) para falar dos perigos que espreitam o pesquisador *insider*, “interpretações problemáticas pelos respondentes que, através de desonestidade, exagero ou especulação oferecem relatos confusos ou não-representativos das suas próprias experiências ou das de outras pessoas. ”. Digo que nesta pesquisa esses perigos não existiram, pois não houve contradições entre as respostas e os dados obtidos tanto *offline* quanto *online*.

A coleta e análise de dados ocorreu com base no acompanhamento da interação no grupo e o meu aprendizado nesse período. Foram realizadas 5 entrevistas semiestruturadas

com os integrantes do grupo e *Babá* Fábio, ambos responderam um formulário online concedendo permissão para o uso das entrevistas, que foram realizadas no perfil privado de cada um que se dispôs a participar, as entrevistas foram organizadas por numeração de 01 a 05, desse modo são colocadas ao longo do texto preservando a identidade dos entrevistados, sendo apresentados apenas como entrevista 01, 02, 03, 04 e 05.

Como as interações poderiam ocorrer a todo momento, não havendo um horário definido para os ensinamentos, o acompanhamento acontecia o tempo todo, nos momentos em que me ausentava - ficava “*off*”, ao voltar procurava ler todas as mensagens colocadas no grupo afim de encontrar algum dado relevante para minha escrita. Meu caderno de campo, muito utilizado por pesquisadores da área de antropologia nas pesquisas de campo para registrar os dados importantes, foi um grupo criado por mim no aplicativo, o qual chamei de “gaveta da bagunça”, este grupo serviu para que eu pudesse guardar conteúdos importantes para o trabalho, e também coisas de abian, aprendizados passados no grupo, formando minha “bagunça organizada”.

Na análise de dados procurei relacionar a teoria com as minhas percepções das interações e atuações no grupo, os dados obtidos com Babá e as entrevistas, além dos dados da observação *offline* da festa de caboclo, desse modo, organizei este trabalho a seguir a linha em que os assuntos vão surgindo no grupo, onde nenhum dos temas se encerram como um ponto final, mas sim uma continuação do anterior, pois o conhecimento no candomblé não é compartimentalizado, um tema puxa o outro sem que haja um ponto que os encerre, encontrando barreiras apenas nos assuntos secretos restrito aos “mais velhos”, o que não é o caso desta pesquisa.

O texto está organizado de modo que não haja um capítulo específico de resultados e discussões, pois os resultados vão sendo amarrados a teoria na medida que o texto avança, ou seja em praticamente todos os tópicos são apresentados resultados/dados da pesquisa.

No capítulo um (01) encontra-se a introdução, metodologia, justificativa e objetivos para a realização desta pesquisa, é onde tento convencer você leitor a se interessar por esta pesquisa, apresentando a relevância do estudo, e os procedimentos metodológicos com os quais esta pesquisa foi feita.

O capítulo seguinte, apresenta a fundamentação teórica, é onde coloco os conceitos que serão utilizados ao longo do texto, como cibercultura, inteligência coletiva, redes

educativas e pedagogia do candomblé. É neste capítulo que se encontra uma breve definição do que é o candomblé e sua origem.

Dando sequência, o capítulo de número 03 (três) apresenta o Orixá Exú como o grande comunicador sendo o responsável pela comunicação e assim, com suas contradições utiliza o whatsapp como uma de suas ferramentas para promover a comunicação, sendo capaz de reunir muitos em um só lugar, sem que nenhum esteja presente fisicamente. É neste capítulo também que apresento o grupo do whatsapp e o seu principal uso, a partir disso faço uma breve introdução sobre a construção da identidade dos integrantes do grupo.

O capítulo 04 (quatro) traz os conteúdos que são tratados no grupo, sendo o comportamento e os aprendizados sobre o axé, os principais. Dando continuidade é apresentada as técnicas utilizadas para a transmissão do conhecimento e algumas situações de aprendizagem ou verificação de aprendizagem, como no samba de caboclo².

O quinto capítulo trata do processo de adaptação as tecnologias pelo candomblé, buscando demonstrar que estas também compõem a religião, a exemplo de outros momentos vividos, sendo possível também entender que o candomblé não possui uma tradição estática, mas sim inovadora e de certa forma maleável.

2. INICIANDO OS TRABALHOS: CONCEITOS, DEFINIÇÕES E APRESENTAÇÕES.

2.1. AS REDES EDUCATIVAS, O CIBERESPAÇO E A PEDAGOGIA DO CANDOMBLÉ

Pensando o conceito de “educação”, encontro um vocábulo originado em duas palavras distintas do latim, *Educare* e *Educere*, a primeira define a educação a partir de quem ensina, enquanto a segunda foca seu significado em quem aprende, o aluno é o personagem principal do seu próprio aprendizado (ROMÃO, 2008), sendo assim entendo educação como a prática que envolve tanto o ensinar quanto o aprender, visando formar ou transformar os sujeitos (ECCO & NOGARO, 2015), dessa forma é possível haver educação em todos os locais onde nos relacionamos.

² A explicação sobre este termo será dada no respectivo capítulo.

Para Alves (2008) esses locais integram uma rede de aprendizagens chamada de rede educativa, seus “nós” ou cotidianos, são as diversas instâncias sociais onde pode-se produzir e compartilhar algum saber cotidianamente. Segundo Brandão (1981)

“Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.” (BRANDÃO, 1981, p.09)

Viver é aprender, pois a todo momento, mesmo que sem perceber estamos adquirindo algum conhecimento. Atualmente, as novas tecnologias criaram o ciberespaço como um novo espaço para as redes educativas, onde o modo de sociabilidade em rede, os jeitos de pensar e agir formam a cibercultura, que para Bastos apud Santos e Santos (2012), “é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais.”, assim, para Santos e Santos (2012) citando Lévy (1999)

É no ciberespaço e especificamente nos ambientes virtuais de aprendizagem que saberes são produzidos pela cibercultura, principalmente no que se refere a aprender com o outro e em conjunto, criando uma rede de aprendizagem em um ambiente aberto, plástico, fluido, atemporal e ininterrupto. (SANTOS & SANTOS, 2012, p.161).

Nesse sentido, na cibercultura o saber é produzido e disseminado pela inteligência coletiva, que para Lévy (1999) é o que faz o mundo virtual se atualizar a todo instante, pois é como todos aprendem de modo compartilhado, criando e consumindo conteúdo nos ambientes virtuais. Santos e Santos (2012) ainda dizem que aspectos como multivocalidade, a interação e a colaboração, são potencializadas nos ambientes virtuais.

O ciberespaço e os ambientes virtuais eram territórios inexplorados para o candomblé até um tempo atrás, quando a religião começa a expandir seus horizontes para além dos muros do terreiro, porém a educação nos terreiros é pautada nos conhecimentos ancestrais trazidos da diáspora africana e perpetuados oralmente dentro dos *Ilê*³, pois é a crença nos antepassados e a busca por viver os valores atribuídos a eles que organiza a conduta do povo de santo. O ritual, as lendas, a dança, tudo consiste em uma ação de aprendizado a qual o iniciado irá ser confrontado, não basta apenas repetir, no processo está também o conflito, criado a partir do choque entre o modo de vida no candomblé e as práticas anteriores, este sentimento de

³ Casa, terreiro ou Roça Ver glossário na página 47. Neste trabalho poderei usar ambas as palavras, pois significam a mesma coisa, ambas se referem ao local de culto.

conflito gera desconstrução, o movimento de mudança e a significação.

A significação ocorre na vivência em grupo na roça, ponto importante na construção/transmissão do saber, ou seja, os recém iniciados que trazem consigo percepções “de fora” do culto, passam por um processo de reestruturação do modo de pensar, ser e agir, e isso a partir da vivência na Roça.

Tomando tal concepção como ponto de partida, entende-se que há envolvido nesse processo de transformação, uma pedagogia própria, rica e mágica, atribuída ao candomblé, sobre isso Conceição (2006) nos traz uma descrição sobre as bases estruturantes dessa pedagogia relacionando-a com a pedagogia simbólica de Byington (1995), enumera os princípios estruturantes para a base da pedagogia do candomblé, que são “o conflito; a aprendizagem vivenciada; a unidade entre as dimensões objetivas e subjetivas do ser; o elemento artístico; a diferença; as muitas temporalidades; e o respeito ao saber dos antigos.”

O autor continua dizendo que o aprendizado, nesta pedagogia, parte da interpretação das formas simbólicas, dos símbolos, sendo assim, cada ato, ritual, cântico, reza, traz um aprendizado que deve ser compreendido e interpretado, obedecendo, claro, aquilo que se pode saber, pois há uma hierarquia definida, sem que haja uma compartimentalização do conhecimento, tal hierarquia se define à medida que o sujeito completa “idade de santo”⁴.

Aprende-se a todo momento, desse modo, evidencia-se um dos princípios estruturantes, a aprendizagem vivenciada, proporcionando um aprendizado dinâmico partindo da observação dos mais velhos, naquilo que eles transmitem, pressupõe-se a confiabilidade na transmissão, pois aprende-se de quem se confia o ato de ensinar, e é a vivência no cotidiano da roça e as relações vivenciadas que podem construir essa confiança através do sentimento de pertencer ao coletivo (CONCEIÇÃO, 2006). Envolvido a esse processo de vivência, está o sagrado, o orixá não está localizado em um ambiente fora daquela dimensão, mas próximo ao educando, o entendimento do todo não acontece apenas na esfera objetiva, mas o subjetivo é unido e aliado, sem dicotomias.

No mesmo trabalho, Conceição (2006) diz ainda que, a dimensão mágica, dinâmica e mítica do aprendizado, alia-se ao prazer em aprender, aprende-se sem perceber, responsabilidade essa do elemento artísticos, presente nas danças, cânticos, na confecção das roupas do santo, etc. Vivenciando a roça, o iniciado, faz a ressignificação da sua identidade, e

⁴ É o tempo decorrido desde a iniciação do noviço.

ali, no ilê as diferenças são unidas em prol do coletivo, da fé, a diferença aqui é acolhida, respeita-se o tempo de cada um no aprendizado. No entanto, antes da resignificação, o *iaô*⁵ passa pelo conflito gerado na quebra do pré-conceito, o desconforto, a inquietude gera a busca pelo conhecimento.

2.2. CANDOMBLÉ: DA ÁFRICA PARA O BRASIL

No período escravista o Brasil se torna um dos maiores traficantes de negros escravizados do mundo, milhares de negros foram arrancados das suas famílias, tribos, reinos e impérios para servirem aos senhores brasileiros. O horror desse período foi narrado por diversos autores que descreviam cenas dantescas dos navios negreiros e senzalas, onde os negros eram mantidos em condições subumanas, preferindo a morte a viver em tal situação, assim quando sobreviviam a rota do tráfico, ainda era comum os casos de assassinato por castigo ou de suicídio nas lavouras ingerindo terra até a morte, por exemplo (BUENO, 1958).

É nesse contexto que surge o candomblé, como meio de o povo negro, marginalizado e inferiorizado pela cultura ocidental dominante na época, voltar-se à sua (re) humanização em torno do saber de seus ancestrais, ou seja, para manter suas características próprias e sua cultura, a religião torna-se um local onde o negro poderia ser negro, e sentir-se livre sem os moldes da sociedade vigente e longe de toda a barbárie da época.

Siqueira (1998) diz que o candomblé é “um sistema sociocultural e religioso, centrado nos orixás, representados simbolicamente e revividos através de rituais”, ou seja, o candomblé possui significado cultural e social, “como espaço de liberdade”, em um período em que é necessário a reflexão crítica da realidade brasileira, em que o pensamento colonial-escravagista ainda persiste reestruturado no sistema capitalista. Sendo assim, os seus sujeitos, descendentes de seres que foram escravizados, encontram nos ancestrais e na dinâmica religiosa a força de que precisam, o Axé.

A religião chegou ao nosso país através do tráfico de escravos vindos do continente africano, Carneiro (2002) diz que “o tráfico dispôs campo para o intercâmbio linguístico, sexual e religioso entre os escravos e ex-escravos”, sendo assim, o tráfico proporcionou o cenário para que a religião se desenvolvesse no nosso país, pois colocou negros de diferentes

⁵ Filho de santo. Ver glossário na página 47.

regiões africanas em um mesmo espaço.

O comércio de escravos para o Brasil vinha de regiões como, Angola, Guiné e Costa da Mina, de onde vieram povos como os Nagôs, Jêjes, Axantis, Benguelas, etc. Cada povo, cada tribo possuindo sua própria organização religiosa, “todas as tribos africanas que nos forneceram escravos tinham as suas religiões particulares” (CARNEIRO, 2002. p16), sendo assim, cada um dos povos possuía deuses e cultos próprios que foram aglutinados nas senzalas, onde “o processo diaspórico efetuou-se como “tradução” de elementos culturais diferentes, levando ao surgimento do candomblé” (MEDEIROS, 2014. p733)

A proximidade de culto entre alguns povos permitiu que estes se unissem em nações, dividindo assim a religião, cada grupo se uniu em torno dos seus ancestrais sendo eles Orixás, Voduns e Minkisi, respectivamente, nação Ketu, Jêjê e Angola. Cada nação possui características e organização próprias, no entanto alguns teóricos afirmam que os povos nagôs emprestaram seu modelo de culto as outras nações, mas vamos conhecer um pouco mais cada nação e tirar nossas próprias conclusões.

A nação Ketu foi formada pela união dos povos nagôs oriundos, das regiões de Oyó, Ketu, Ijexá e Egbado, etc. Pesquisas etnológicas, mostram que o verbete “nagô” / “Anago” foi utilizada por outros povos no sentido pejorativo para denominar aqueles de fala iorubana , tendo seu significado entre os daomeanos como “sujos”, “piolhentos”, isto se deve ao fato de quando chegaram, fugindo das batalhas inter-tribais em Egbado, vinham esfarrapados, cheios de piolhos, daí o uso da palavra “anagô” que significa piolhento, no entanto, ao chegar na Bahia, a palavra perde o significado pejorativo uma vez que os próprios iorubanos se tratam como nagôs (LIMA, 1974. p.74).

Os candomblés da nação Ketu, cultuam os seus ancestrais chamados de Orixás, que segundo *Babá Fábio* representam os quatro elementos da natureza, possuindo também domínios sobre elementos sociais, como a justiça, a comunicação, etc. É importante dizer que estes não são deuses, no entanto é normal ver/ouvir o povo do axé se referir ao Orixás como “deuses” ou “divindades”, por este motivo também o faço nesta pesquisa, mas é fato que o candomblé é uma religião monoteísta, e os orixás são os ministros ou mensageiros de *Olorum* (senhor do céu) ou também chamado *Olodumare*, o deus supremo desta nação.

Dos tantos orixás existentes em África, cerca de 18 são cultuados no Brasil, são eles: *Exú, Ogum, Oxóssi, Obaluaiê, Oxoguian, Ossain, Oxumarê, Xangô, Iansã, Oxum, Logun-*

Edé, Ibeji, Yemanjá, Euá, Obá, Iroko, Nanã e Oxalá, esses são os orixás da Bahia, como diria Verger. Os orixás se manifestam, entre outras formas, através do transe / possessão dos iniciados, devidamente preparados para receber a divindade.

O espaço onde acontecem os cultos, em torno do qual os filhos de santo se reúnem chama-se *ilê axé*, terreiro ou ainda roça, as vezes simplesmente chamado de casa, neste trabalho poderei usar ambos os termos, sendo o local onde a comunidade de santo se organiza, possui organização e hierarquia bem definida. É no *ilê* onde acontece os rituais do candomblé Ketu, sendo que o mais antigo, o *Ilê Axé Iyá Nassô Oká*, também conhecido como “Casa Branca do Engenho Velho”, datado por volta de 1850, na Bahia. É desta nação também o *Ilê Axé Alaketú Ojo L'onin* objeto desta pesquisa

O povo Bantu, trazido escravizado a Bahia entre os séculos XVI e XVII, é proveniente da região onde hoje se localizam a Angola, Zaire e Moçambique (centro-sul do continente africano), falam *kimbundu*, *umbundu* e *kikongo*. Da África trouxeram o culto às suas divindades, que diferentes dos orixás, são a própria energia da natureza personificadas, são denominados como *Minkisi*, plural de *N'kisi*. Tem como deus supremo *N'zambi m'pumgo*, e outras divindades, a saber: *Pambun'jila*, *N'kosi*, *Kabila*, *Telekumpensu*, *Katende*, *N'zazi*, *Kavungo*, *Hangolo*, *Kitembo*, *Kaiango*, *N'danda Lunda*, *Kaitumba*, *N'zumbarandá*, *Lembarenganga*, *Lembafuranga* e *N'vunji*.

Os negros bantu, foram responsáveis por diversas manifestações culturais em solo brasileiro, trouxeram a capoeira, o dialeto, e o axé da sua terra natal que em contato com os indígenas brasileiros, dá início ao culto de caboclo, incorporado ao candomblé bantu, entende-se por caboclo, espíritos de indígenas antigos, aos quais devia-se culto pois são os “donos da nova terra” (Santos, 1995).

O candomblé da nação Jêje foi formado pelos povos pertencentes a região setentrional do atual Togo, da República do Benin e o sudoeste da Nigéria, estes povos eram chamados de *adjeje*, palavra de origem iorubá, que significa estrangeiro, Segundo Prandi (1996) o que chamamos de nação Jêje, na verdade “é o candomblé formado pelos povos *fons* vindo da região de Dahomé e pelos povos *mahins*”, sendo assim pode-se também chamar essa nação de *Ewe-Fon*, povos *Ewe* ou *Fons*.

Nesta nação, cultua-se os Voduns, que são divindades ou entidades espirituais, capazes de intervir no mundo, na vida cotidiana e na natureza. *Loko*, *Dangbé*, *Mawu*, *Lissá*,

Agué, Sakpatá, Dan, Heviosso, Bessem, Nanã, Tobossi, Aziri, Possum, etc. são alguns dos voduns cultuados no Brasil.

O candomblé é uma religião de diversidades, onde cada terreiro possui sua maneira própria de organização, como exemplifica o ditado “cada casa tem sua panela e a mexe com a colher que lhe foi dada”, um outro provérbio iorubá, reafirma isso “*Iká Kò Dògbá* – os dedos da mão não são iguais” assim, as generalizações a respeito da religião não devem ser aplicadas, Caputo (2012) adverte em seu livro dizendo “uma casa de candomblé não é o candomblé como todo. Generalizar é sempre arriscado e nas pesquisas devemos estar ainda mais atentos. É preciso especificar a que terreiro estamos nos referindo” (CAPUTO, 2012, 269). Deste modo, saiba que este trabalho se refere apenas ao ILÊ AXÉ ALAKETÚ OJO L’ONIN.

Comum a todas as casas e nações está o culto ao sagrado, o respeito a natureza e a humanidade, é necessário que se encerre (pré)conceitos a respeito desta tão rica e bela religião. É importante que se entenda que o culto, seja a Orixás, Voduns ou Minkisi, não envolve invocar, desejar ou praticar o mal, certa vez ouvi de um irmão de fé “quem tem mão para o mal, não terá para o bem”.

Assim, o candomblé é descrito por alguns de seus praticantes, como uma filosofia de vida além de religião, trago abaixo a fala de alguns deles, poucos diante de toda a grandiosidade, mas que representam o sentimento de um todo, segue,

O candomblé na minha vida, é tudo, não é só uma religião, é o que eu optei por seguir. Meu pai Oxumaré pra mim é minha vida, o axé é minha vida. O axé pra mim é humildade, é gratidão, é simplicidade, é aprendizado eternamente, pois a gente nunca sabe tudo, todo dia aprendemos um pouco... é amar o outro como a si mesmo (...) é onde você busca as energias. Resumindo, o axé me completa em todos os sentidos, na união, no dividir, na alegria, na simplicidade (...) em tudo em si a gente busca e acha no candomblé e, principalmente candomblé é cultura, o axé educa, te ensina como se comportar, como viver nesse mundo (...) acredito que é uma das religiões mais completas do Brasil. (Ialorixá Amélia T’Oxumaré).

É o meu chão. Minha fé é tudo para mim, é um dos pilares que me mantém de pé atualmente, é onde tiro forças para seguir. (Labatynan Ty Òyá).

O candomblé para mi uma religião, é um porto seguro, é resistência. O candomblé para mim é simplesmente tudo, é a natureza viva, porquê cultuar candomblé, cultuar essa religião linda africana, de *ancestres* de *bacúlos*, é cultuar a natureza viva, então candomblé é preservação, candomblé é cultura, candomblé é religiosidade, candomblé é fé. (Tatá N’kisi Ykatamba).

Creio que o caminho para abandonar alguns (pre)conceitos em relação ao candomblé seja parar de enxergá-lo de dentro de outras religiões, é preciso que esteja dentro do seu contexto, por exemplo, candomblé não nasceu na Europa, portanto não pode ser analisado através do cristianismo, nasceu sim na África, e lá Exú é Orixá, é Vodun, é Nkisi. Ele é Èsú, *Legbara*, *Kaluvaia*. Não é o satanás, o diabo, nem nunca foi Lúcifer, esse é europeu, é cristão.

Apenas adentrando as porteiras de uma roça, vendo o encanto acontecer, vendo um orixá dançar no barracão, vendo a alegria contagiante presente no *xirê*, somente sentindo o axé, só assim é possível saber o que é o candomblé, e talvez assim, se encerre os preconceitos, e se não encerrar, apenas respeite, pois esta é uma religião de alegria, presente até no nome que em tradução livre significa festa / dança.

Deixo para reflexão uma pergunta proferida por um professor a sua turma, transcrita por Caputo (2012) “Será que a sociedade discrimina o candomblé porque vê essa religião como religião de negros? ”

2.3. ILÊ AXÉ ALAKETÚ OJO L’ONIN

No candomblé é importante conhecer as suas raízes, sua família, é preciso saber de onde viemos para que saibamos como e para onde seguir, sendo assim é comum ao se apresentar, citar a sua raiz, ou seja, as gerações anteriores aquela pessoa, quem foi/é seu pai/mãe, avô/avó, bisavô/bisavó, etc, até um ponto em que seja citado o nome de um grande representante dessa família ou até o princípio.

O nosso axé, o *Ilê Axé Alaketú Ojo L’Onin* tem como Babalorixá, Fábio Gomes de *Logun-Edé*, filho de Pai Lôro de *Oxoguian* que preside o *Ilê Alaketú Axé Omim T’Ogun* em Vitória da Conquista - BA, neto de Babá Mauro *T’Osun* a frente do *Ilê Alaketú Axé Osun Iyami Ypondá* situado na cidade de São Gonçalo-RJ, finalmente bisneto de Yá Mônica Ty *Oxóssi* neta carnal de Mãe Menininha a frente do terreiro do *Gantois* ou *Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê*, esta é a linhagem do terreiro.

O templo de *Logun* está ainda em construção, possuindo local de culto provisório na cidade de Itabuna-BA. A construção está a todo vapor, com término previsto ainda para este ano, ficará localizado também em Itabuna-BA, na Rua Bom Sossego, nº 35, bairro Nova Esperança.

O fato de não termos ainda o templo construído contribuí e de certa forma justifica o uso do whatsapp com o objetivo de propiciar o aprendizado, pois é por onde se passa as orientações que devem ser seguidas, já que *Babá* Fábio possui filhos iniciados e *abian*⁶, tanto na cidade de Itabuna, como em outras cidades fora da Bahia, assim não poderia deixar de orientá-los e passar o conhecimento, daí a opção por criar o grupo, que também serve para manter-nos unidos.

3. O WHATSAPP NO TERREIRO: UMA ARTIMANHA DE EXÚ, O COMUNICADOR

Agô Lonã, peço licença aquele que deve ser saudado primeiro, a esse imenso e poderoso Orixá. Exú, aquele que transita livremente entre os mundos, entre o *Orun*⁷ e o *Ayê*⁸, levando e trazendo mensagens, pedidos e oferendas, é aquele que está em todo lugar e fala todas as línguas, Exú é onipresente, e atemporal.

Corre entre o povo do axé, o seguinte ditado “Exú matou um pássaro ontem, com a pedra que arremessou hoje”, isto demonstra o caráter atemporal deste Orixá, que tem a capacidade de passear entre os tempos. A colunista do Jornal O Globo, Flávia Oliveira (2015) cita Nogueira (2015) e diz que: “É o orixá que abre caminho para o acontecimento. Na mitologia, quando joga a pedra por trás do ombro e mata o pássaro no dia anterior, Exú reinventa o passado. Ensina que as coisas podem ser reinauguradas a qualquer momento”.

Diante do que já foi exposto até aqui, é possível perceber que se trata de um dos Orixás mais instigantes da mitologia africana. Desde a sua chegada em terras brasileiras “foi sendo retrabalhado e sincretizado, adquirindo formas diversas, e hoje em dia apresenta-se como uma divindade plural e extremamente complexa” (TAUFFENBACH 2014), segundo Verger, Exú

É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com essas características, comparam-no ao diabo, dele fazendo o símbolo de tudo o que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus (VERGER 1981, p.76).

⁶ Adepto ainda não iniciado. Ver glossário na página 47.

⁷ Céu. Ver glossário na página 47.

⁸ Terra. Ver glossário na página 47.

Verger continua dizendo que se bem tratado, com o devido respeito e com suas oferendas postas, Exú reage de modo “serviçal” e prestativo, mostrando seu lado bondoso, brincalhão, alegre, etc. Devido às suas características é o Orixá mais próximo dos humanos. Exú é quem recebe as oferendas feitas pelos humanos e as leva do Ayê para o *Orun*, fazendo também o caminho de volta, trazendo as recomendações/punições dos Orixás para os humanos, por isto é também o mensageiro, sendo o elo de ligação entre todas as coisas, pois é também o dono das encruzilhadas, acumula também o poder de ser saudado primeiro no candomblé, ou seja, antes de tudo que é feito, é necessário agradar Exú, e para agradá-lo realiza-se o *padê*.

O *padê* ou *ipadê* é o nome dado ao ritual feito para agradar Exú antes das festas públicas, “um ritual interno, com a finalidade de reiterar o respeito e a consideração pelos incontáveis serviços que Exú presta à comunidade e a cada um, em particular” (MACHADO, 2010, p 10). Segundo Babá, tem por objetivo

O bom andamento da festa/evento/cerimônia, para que não tenha nenhuma brincadeira de Exú, nenhuma confusão, é feito logo cedo para que Exú se agrade, também não seria a única entidade a ser agradada no ritual, para a proteção da casa e o bom andamento da festa

O bom andamento da festa depende da aprovação de Exú, pois é ele que transforma as ações rituais em “mistério de comunicação”, interferindo nas louvações e “tecendo tempos e espaços transcendentais, envolvendo todo patrimônio espiritual disponível na capacidade mobilizante das rezas, gestos, cantos, danças”, (MACHADO, 2010) ou seja, é imprescindível agradá-lo e respeitá-lo como princípio de tudo, pois Exú fez do mundo seu deleite, engoliu e vomitou tudo renovado.

Exú é o Orixá que transforma tudo em novo, orixá da contradição, que faz a ordem nascer do caos, é a dúvida e o ímpeto de saber sempre mais, a fome que nunca sacia, ele é o que liga e conecta tudo, é o mensageiro que passeia entre todas as nações e fala todas as línguas existentes, por isso, mestre da comunicação, é também o senhor dos caminhos, inclusive a trama de caminhos que é a rede mundial, é ele que movimenta o caos do ciberespaço e transforma em ordem, permitindo que haja a comunicação, fazendo-nos manusear tranquilamente as mídias digitais. Se em tempos remotos Exú permitiu ao homem aprender o jogo de búzios para se comunicar com os Orixás, hoje nos entregou a tecnologia como uma de suas ferramentas para propiciar a comunicação.

Sendo assim, compreendo o aplicativo whatsapp como uma de suas artimanhas em prol da comunicação, do ato de comunicar, da conversação, situando os interlocutores entre o perto e o longe, perto a ponto de estabelecerem comunicação e longe fisicamente a ponto de não haver tato, mais uma de suas contradições, estar presente sem estar.

Figura 01: Print de uma interação no grupo



Fonte: acervo pessoal (2018)

Neste *print* Babá dialoga com uma das filhas residentes em SP, possível de ser verificado pelo prefixo do número (DDD) com código de área da cidade de São Gonçalo, esta situação ilustra o estar próximo sem estar presente, evidenciando a característica das TDICES que desterritorializam os lugares, fazendo-me crer que tem a “mão” de Exú neste processo, afinal quem além dEle poderia ser capaz de proporcionar tamanha contradição?

3.1. ENTRE OS DOMÍNIOS DE EXÚ, O WHATSAPP

Como demonstrei acima, Exú controla e age sobre a comunicação, ele é o responsável para que ela aconteça, sendo capaz de facilitar ou a dificultar, levando e trazendo as mensagens, desse modo as ferramentas que servem a comunicação podem ser atribuídas (como metáfora) a este orixá, é o caso do whatsapp.

O whatsapp, é um software gratuito do tipo aplicativo multiplataforma, lançado em 2009, inicialmente apenas para smartphones, por Jan Koum e Brian Acton também criadores do já obsoleto *Yahoo*.

O aplicativo, de acordo com o site oficial,

(...) começou como uma alternativa ao sistema de SMS, e agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz

Ainda segundo as informações encontradas no site oficial, atualmente o aplicativo está presente no cotidiano de “mais de 1 bilhão de pessoas” atingindo “mais de 180 países”.

Na *play store*, loja de aplicativos da *google*, já ultrapassou 1 milhão de downloads se tornando o número #1 na lista de melhores aplicativos gratuitos de comunicação, sendo avaliado por 65.479.769 usuários, possui atualmente 4.4 estrelas, desses usuários, 45.756.288 deram 5 estrelas e, apenas 4.186.086 avaliaram com 1 estrela.

Números altos também marcaram a transação milionária ocorrida em 2014 quando o fundador do facebook, Marc Zukerberg comprou os direitos do aplicativo, a partir daí diversas funcionalidades foram adicionadas, a mais recente é a possibilidade para apagar uma mensagem já enviada com até 7 minutos do envio. O aplicativo permite ainda criar grupos com até 250 participantes, sendo possível escolher os administradores, que tem permissão para adicionar, remover, renomear e alterar os dados e participantes do grupo, antes isso era exclusividade daquele que o criou. Também é possível, ao pressionar por alguns segundos uma mensagem já enviada, visualizar informações sobre a mensagem como quem já leu, visualizou ou a ouviu dependendo do conteúdo, sendo voz vídeo, imagem ou documento.

Desde que surgiu em 2009 o “zap” ou “whats” assim chamado pelos adolescentes, se popularizou rapidamente, com usos variados em diversas áreas da sociedade, como na área corporativa e educacional, começando assim a despertar o interesse de alguns teóricos e se multiplicaram trabalhos relacionados ao uso do aplicativo. Digitando a palavra whatsapp na barra de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, temos como resultado de busca cerca de 300 trabalhos relacionados ao uso do aplicativo nas mais diversas áreas.

No campo educacional destacam-se trabalhos como o de Honorato & Reis (2014), Araújo & Bottentuit (2015), Spence (2014), Souza & Freitas et all (2016) entre outros tantos que tratam do assunto, nesses trabalhos é possível perceber que o aplicativo aparece como uma possibilidade e aporte para o aprendizado, servindo como ferramenta para discussão e

recurso pedagógico, no entanto seu uso ainda não é tão difundido nas escolas que ainda se apegam ao modelo tradicional, porém para Rodrigues (2016)

As novas gerações já rejeitam situações convencionais de ensino e de aprendizagem: a escola não consegue mais (e nem deveria) evitar o emprego pedagógico das Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão. (p.12)

Souza & Freitas et all (2016) em relação ao uso do whatsapp nas escolas dizem que “ainda temos obstáculos de ordem tecnológica, econômica e sociais a serem enfrentados” mesmo sabendo que “95% dos discentes o acessam diariamente, trocando qualquer tipo de informação, que favorece o processo de comunicação, tão importante para aprendizagem. ” Assim para Araújo e Bottentuit (2015) a utilização do aplicativo é viável na medida em que a maioria dos estudantes possuem acesso a esta ferramenta.

Em relação aos pontos negativos Rodrigues (2016) cita o trabalho de Yeboah e Ewur (2014) como o mais relevante neste quesito, os autores apontam que o aplicativo pode comprometer a escrita, e a dispersão dos alunos, tais pontos devem ser levados em consideração na elaboração de estratégias pedagógicas para seu uso, mas não devem comprometer o avanço.

No contexto do candomblé, a utilização das mídias digitais para Tramonte (2014),

(...) é vista como um instrumento dual, multifacetado, em relação ao qual cabe o papel das lideranças dos grupos de religião afro-brasileira encaminharem, escolherem e decidirem as formas mais adequadas de sua utilização. (p.99).

Esta orientação é dita pois, as TDICEs podem representar um ponto de conflito entre a tradição e o contemporâneo dentro da religião, para alguns o uso do whatsapp e redes sociais podem representar a exposição exacerbada da religião além da deturpação dos seus ensinamentos, a midiaticização dos seus segredos, etc, nesse sentido cabe aos Babalorixás e Ialorixás o papel de mediadores nesse contexto.

No Axé Ojo Lonin pude perceber um bom exemplo do whatsapp sendo utilizado de maneira vantajosa para a religião, podendo seus filhos e integrantes da família se beneficiarem e aprenderem através do aplicativo, sendo orientados e mediados pelo sacerdote da casa, meu Babá Fábio t’Ologunedé.

3.2. O USO DO WHATSAPP NO OJO L'ONIN

O grupo do whatsapp, recebeu o mesmo nome do terreiro, ASÉ ALAKETÚ OJO L'ONIN, com exceção da palavra ILÊ que em tradução livre significa casa, foi criado em 18 de fevereiro de 2017, possui atualmente 28 participantes, é administrado pelo Babalorixá Fábio t'Ologunedé, Babá para os filhos, e duas de suas filhas já Ialorixá. Do grupo participam filhos e netos, *Ogan, Ekedí, Egbome, Iaô e Abian*, este último é onde me encaixo como não iniciado.

A criação do grupo teve por objetivo manter a família unida e não deixar que o aprendizado parasse, “foi uma forma de poder ensinar de uma vez só a todo o grupo, tendo em vista que vários participantes moram em várias partes do país”, disse-me *Babá Fábio* em uma de nossas conversas, dando ênfase a importância do grupo na manutenção do aprendizado para nossa *egbé*, como disse a entrevista 02 “o grupo acrescenta e muito no nosso conhecimento do *axé*”.

4. SABERES ONLINE E OFFLINE

4.1. OS CONTEÚDOS

Babá Fábio, apesar de não ser nativo digital, não ter entendimento sobre as teorias de Lévy (1999) a respeito da tecnologia, utiliza-se da inteligência coletiva para mediar o aprendizado, e mesmo sendo imigrante digital, mostra-se a favor do uso das mídias digitais para aprimorar o conhecimento sobre o *axé* desde que respeitando o tempo da religião, sobre o whatsapp diz que consegue atingir “100% das pessoas, agora o aproveitamento é que às vezes chega a 80% ou até 70% o que não deixa de ser uma possibilidade boa”. Sendo assim não vê nenhum problema em utilizar-se desse meio para o aprendizado. Porém, no *candomblé* aprende-se a partir da observação, na oralidade e repetição, portanto está intimamente ligado ao seu espaço físico. Alexandre e Rocha (2016) dizem que,

Aprende-se na prática, no trabalho do terreiro, ouvindo dos mais velhos, observando a ação do outro, convivendo dia e noite durante longos períodos em preparação para as festas ou toques, em vista de que com o passar dos anos este e aquele filho de santo amadureça no entendimento e na tradição de sua fé. (p.56)

Sendo assim o saber local, segundo Shitole (2004) apud Camuendo (2006, p.70) é “aquele que se adquire ao longo da experiência da vida e, é o produto da interação entre seres humanos em função de contextos culturais específicos de cada povo”, ou seja, está ligado ao trabalho no terreiro, e a dinâmica do lugar. Ao utilizar o grupo de whatsapp este se integra ao terreiro, desse modo no grupo são tratados conteúdos referentes ao terreiro e ao axé.

Segundo *Babá*, se aprende no grupo “coisas básicas, conhecidas como coisas de salão - comportamento... coisas diárias, rezas, *Orin*⁹, coisas que são básicas ao aprendizado e ao convívio do dia a dia.”. Lembro-me de minhas primeiras andanças no candomblé, em um episódio, em uma casa de nação Angola, ouvi a seguinte frase “Vá, mas vá sabendo que leva um nome com você”, esta frase foi dita por um *Táta*¹⁰ a seu *Muzenza*¹¹ quando este se dirigia a uma cerimônia em outro *N'zó*¹², nesta frase percebo uma advertência em relação ao comportamento, entendi nesta ocasião que o conhecimento também está relacionado ao “não fazer feio na casa dos outros”, afinal quando se vai a cerimônias em outras casas, espera-se que aquele filho tenha o nível de conhecimento e comportamento correspondente com a sua posição, e aos ensinamentos da sua casa, nesse caso, relacionado a saber se portar, saber fazer/agir.

Em se tratando de rezas, geralmente é enviado um áudio com a reza, espera-se que os filhos respondam entoando os versos do *oriquê*¹³, ou rezem em um outro momento, para não perder aquele áudio entre as mensagens, é possível marcar, graças a uma das ferramentas do aplicativo, ou ainda guardar o arquivo em uma outra janela para aprender depois.

O aprendizado do *Orin* segue a mesma linha das rezas, sendo passados através do áudio, geralmente são os momentos mais movimentados, pois todos querem louvar ao seu Orixá, ou aprender algum cântico novo, assim os áudios se multiplicam rapidamente.

4.2. ENSINANDO E APRENDENDO

As técnicas de ensino utilizadas no grupo, vão na contramão do que é comum nos terreiros tradicionais, pois no aprendizado cotidiano do terreiro, as perguntas nem sempre são bem vindas, diz que “perguntar a fim de obter respostas faz parte da possibilidade em definir

⁹ Cânticos. Ver glossário na página 47

¹⁰ Sacerdote da nação angola. Ver glossário na página 47

¹¹ Iniciado da nação angola. Ver glossário na página 47

¹² Local de culto na nação angola. Ver glossário na página 47

¹³ Reza. Ver glossário na página 47

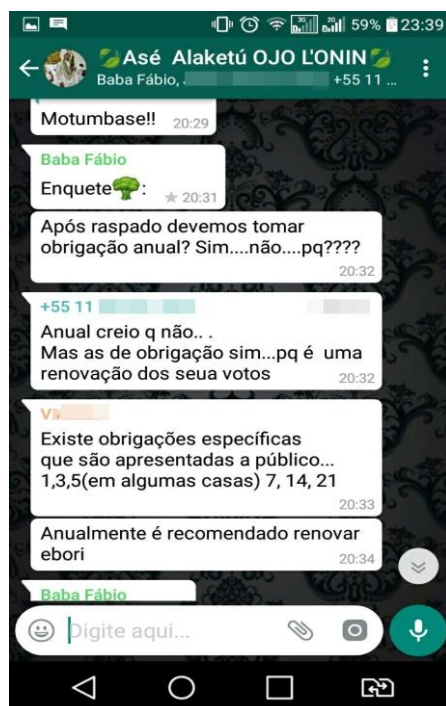
e organizar as categorias, no candomblé primeiro aprende-se a ouvir para depois poder falar. ” (PREVITALLI, 2014), sendo assim perguntar fica para quando for mais velho no santo e já tiver essa permissão.

No entanto, no grupo perguntar é sempre incentivado, o entrevistado 01 diz que se interessa e aprende mais a partir de sua curiosidade, assim participa fazendo perguntas. *Babá* espera que os filhos demonstrem interesse para que ele possa iniciar um assunto. Em um dos momentos de aprendizagem foi colocado no grupo um pequeno enunciado sobre os tipos de *Edjé*¹⁴, e nada mais foi dito por *Babá*, passado algum tempo e sem que ninguém fizesse pergunta alguma, ele mandou duas mensagens de voz que transcreverei, “gente, ninguém vai questionar nada não? Qual o sangue animal? O vegetal e o mineral? E o sangue de cor branca? ” No segundo áudio a continuação “ Se ninguém perguntar, é sinal que todo mundo já sabe, então me abstenho”, nesse episódio fica explícito a importância de perguntar e ser curioso, percebo diante disso que a intencionalidade em aprender, parte de quem aprende.

Outra técnica é através das “enquetes”, que são perguntas simples direcionadas ao grupo e não apenas a *Babá*, podem ser postadas por qualquer integrante do grupo e espera-se que todos respondam, é um meio de incitar algo como uma competição e proporcionar uma certa agitação pois todos se esforçam para responder. Quando o conteúdo da pergunta ou a resposta tenha que entrar em conhecimento restrito aos iniciados, ou mais velhos no santo gentilmente é dito que ainda é cedo para aprender isso, ou é explicado apenas para aqueles que podem receber o conhecimento em uma conversa direta com quem perguntou ou a quem se interessar e possa receber o ensinamento, na imagem abaixo *Babá* lança uma enquete no grupo e os integrantes começam a responde-la.

Figura 02: uma das enquetes promovidas no grupo.

¹⁴ Sangue. Ver glossário na página 47



Fonte: acervo pessoal (2018).

Há ainda os momentos em que são enviados textos, ou “receitas” e a partir daí cria-se uma discussão baseada no tema, que pode ser uma comida de santo, uma postagem referente ao comportamento de alguém, algum ocorrido em uma outra casa, um apontamento sobre conteúdo religioso ou ritual, etc, todas essas coisas servem para desencadear um momento de ensino-aprendizagem, como demonstra a imagem a seguir com um dos apontamentos colocados no grupo, nesta ocasião sobre os tipos de sangue utilizados na religião.

Figura 03: apontamento sobre tipos de *Edjê*.



Fonte: acervo pessoal (2018).

Através dessas técnicas de ensino, Babá tornou o grupo uma comunidade virtual de aprendizagem em que ele é o mediador pedagógico, Gozzi (2012) diz que a diferença básica entre uma comunidade virtual e uma comunidade virtual de aprendizagem “é a intencionalidade” pois, “Quando existe a intenção de aprender de forma coletiva, seja em um curso, para desenvolvimento profissional ou pessoal, dizemos que a comunidade constitui uma comunidade virtual de aprendizagem.” (GOZZI, 2012. pg, 7), nesse caso o papel do mediador pedagógico é proporcionar as interações mediando-as para que não se perca o objetivo do grupo, sendo assim, “o mediador deve ter competência para criar mecanismos que despertem a atenção e interesse dos participantes” (GOZZI, 2012. pg 8), parece-me que sem saber *Babá* está de acordo com Gozzi.

Ao dizer qual seu papel no grupo, *Babá* enfatiza, “educar e proporcionar interações”, e em um de seus áudios no grupo falou sobre o orgulho de ver os filhos interagindo, conversando amenidades e coisas do axé, acredito que *Babá* entende que mesmo nessas interações corriqueiras existe aprendizado, pois usando mais um pouco dos estudos de Gozzi (2012), é possível perceber que “aprendemos através da interação com o mundo, mesmo em situações onde não exista, a princípio, a intencionalidade de aprender”, então é possível que nesta interação feita a princípio sem intenção de aprender ou passar um aprendizado, ainda assim estamos em um processo de aprendizagem e, assim como no terreiro, no grupo também o *abian* “esperto” observa a conversa dos mais velhos para adquirir conhecimento, em incontáveis momentos fiquei apenas ouvindo os áudios e tentando decorar alguma das cantigas de caboclo cantadas em um momento de descontração, ou angariando mais algum outro conhecimento.

4.3. O SAMBA DE CABOCLO

Cerca de um mês¹⁵ atrás começaram os preparativos práticos para a realização do samba em honra ao Caboclo Boiadeiro, reuniões com os membros do terreiro, tanto *online* quanto *off-line*, obrigações religiosas da *Yalorixá* responsável pela casa (tanto a *Yá* quanto o nome de sua casa não será revelado por questões éticas), entre outras ações internas da comunidade.

¹⁵ Em abril de 2018.

O samba de caboclo, é uma comemoração religiosa em louvor aos caboclos, entidades de culto brasileiro adicionadas ao candomblé por serem os “donos da terra”, geralmente é iniciado com o *xirê* e logo após “vira¹⁶” para caboclo.

É necessário dizer que, o terreiro em questão é descendente do *Ojo L'onin*, por este motivo alguns de seus filhos além de participarem do grupo específico da casa, participam também do grupo no *whatsapp* do *Ojo L'onin*, formando todos uma única e grande família, assim sendo, assuntos referentes ao toque foram tratados no grupo *Ojo L'onin* para que toda a família participasse e contribuísse com a realização da festa.

Assim, o grupo se voltou para o aprendizado referente aos caboclos, nesse período, apenas “abaixei” para aprender e me permiti fazer uma ou duas perguntas, mais para ter certeza do que havia entendido, como é possível ver na imagem abaixo contendo uma de minhas perguntas, sobre as entidades entram no panteão dos caboclos, nessa ocasião, um irmão respondeu a minha pergunta, pois *Babá* estava ausente no momento, no entanto, assim que retornou tratou de validar a resposta, que no caso estava correta.

Figura 04: pergunta sobre caboclos.



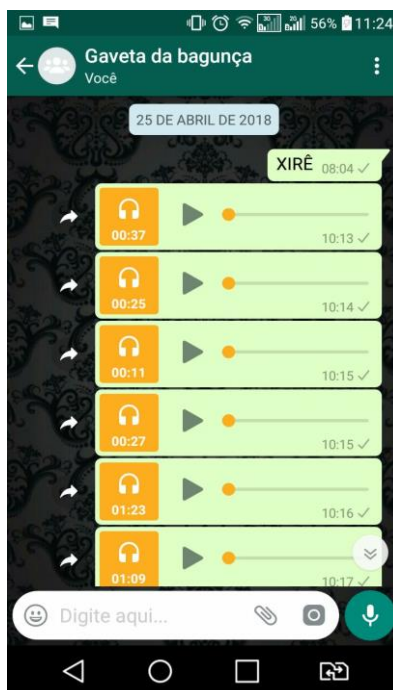
Fonte: acervo pessoal (2018).

¹⁶ Expressão utilizada neste contexto para identificar a mudança do *xirê* para o samba de caboclo.

Pouco sabendo sobre caboclos, tentei absorver o máximo que pude, pois era esse o momento de aprender sobre os ancestrais brasileiros cultuados no candomblé, assim *Babá* falou sobre Pai Guarani, seu caboclo, explicou quem são e onde está situado o culto aos caboclos na hierarquia dos cultos, e entoamos cantigas de caboclo, uma espécie de ensaio para o samba, apesar de muitos dos integrantes serem de SP, e não virem ao samba, ainda assim interagiram no grupo, tiraram dúvidas e cantaram juntos, essas interações ocorreram apenas utilizando o recurso de áudio, por este motivo não faria sentido ilustrar aqui com um *print*.

Aprendemos também as cantigas de *xirê*, ritual em louvor aos Orixás que precede as festas públicas do candomblé, foram enviados áudios com os cânticos que seriam entoados no *xirê*, utilizei um grupo a parte, que chamei de “gaveta da bagunça” para “salvar” os áudios, poderia também ter favoritado, mas prefiro a técnica do grupo vazio, que facilita pois posso recorrer de maneira mais fácil podendo ouvi-los sempre que quiser sem ter que ficar procurando nas conversas do grupo, o que poderia ser um pouco trabalhoso devido a quantidades de mensagens.

Figura 05: Áudios com cânticos do xirê.



Fonte: acervo pessoal (2018).

Feito após o *padê* de Exú como uma continuação do louvor. No *xirê* canta-se para todos os Orixás e, como tudo no candomblé, possui uma ordem, preceitos que devem ser respeitados e saudações específicas que devem ser entoadas para chamar os Orixás, são

cantados no mínimo 3 (três) *Orin* para cada Orixá, seguindo a ordem, Ogum é o orixá a ser louvado logo após Exú e Oxalá o último.

Em reunião interna, nesse caso *offline*, Babá decidiu as músicas a serem entoadas no *xirê* e a quantidade para cada Orixá, logo após, enviou áudios cantando cada um dos *Orin*, a chamada e a respostas para que aprendêssemos, e fosse possível cantar juntos no dia da festa, foi o momento também de tirar algumas dúvidas sobre o *xirê*.

Dia 12 de maio de 2018, as 16:00 horas começou o samba de caboclo, hora de colocar em prática o que fora aprendido no, “aparelho” como disse em tom de orientação o caboclo Guarani, “prestem atenção em tudo que *seu moço* (Babá Fábio) ensina no aparelho”, com sotaque de índio e tentando acertar no português foi isso que disse meu pai Guarani como orientação aos *abian* de Babá Fábio. As orientações continuaram a respeito da *bença*, pai Guarani, após ter reunido os *abian*, nos fez colocar em prática os ensinamentos que havíamos tido no grupo, hora dos *abian* realizarem o *adobá*, valeu a pena ter revisto o vídeo em que Babá ensina a tomar a *bença* realizando o *adobá*, aproveitei para ser o último, uma estratégia para observar meus irmãos e ter certeza do que fazer.

Neste dia, ficou ainda mais claro que, o grupo é apenas um complemento do terreiro, e não há como o aplicativo substituí-lo, pois mesmo com todos os ensinamentos no grupo, as sutilezas da cerimônia, os modos de agir/se comportar, os símbolos e sinais típicos do ritual, são coisas que só se aprende na prática. Várias vezes vi meu pai olhando na direção dos *abian*, e fazer um sinal ou outro orientando o que devíamos fazer naquele momento.

Os ensinamentos no whats foram de suma importância, pois graças a isso, cantamos junto as cantigas de *xirê*, louvamos juntos e saudamos os caboclos corretamente, sabíamos o que fazer e como ajudar na função, tudo isso contribuiu para o bom andamento da festa, validando os ensinamentos que foram passados anteriormente.

4.4. A BENÇA, BABÁ

O poder da palavra é algo que se é conhecido pelos mais velhos a milênios, e quando uma pessoa abre a boca para abençoar ou amaldiçoar a força da natureza os elementos todos ouvem e conspiram a favor daquilo então nós pedimos benção para que aquela pessoa responda no tom educado e suave que Deus ou as águas ou qualquer elemento através do seu orixá representante nos abençoe e ao pôr para fora sua voz e seu desejo os elementos ouvem e isso sim acontece. (Babalorixá Fábio Gomes T'Ologunedé)

Com a licença do meu *Babá*, início esse tópico com um de seus ensinamentos passados no grupo, nestas palavras ele explica a importância e o poder da palavra, pois “a palavra tem força e por ser concebida como um dom divino é sagrada, portanto deve ser proferida com sabedoria”. (PREVITALLI, 2014).

Dada a importância da palavra, abençoar alguém é divino, quando se pede a *bença*¹⁷ no candomblé, quem abençoa não é o filho de santo, e sim o próprio Orixá através daquela pessoa, por este motivo existem regras a serem seguidas, tem hierarquia, gestos, formas, tipos e momentos certos para isso, fatos até então desconhecidos para mim, mas que ao longo das interações no grupo, pude aprender para posteriormente pôr em prática.

Quando fui adicionado ao grupo, todos trocavam *bença*, ao *Babá*, as *Yá*, *Ogan*¹⁸, *Eke*¹⁹, *Egbomi*²⁰, *Iaô* e *Abian*, para todos a palavra ao pedir a *bença* era *motumbá* ao que se respondia *motumbaxé*, *motumbá*, para abençoar e ser abençoado, esta é a forma mais comum de se trocar a *bença* na nação Ketú, acontece que desse modo não havia distinção entre iniciados e não iniciados, pois a hierarquia não estava sendo respeitada. A entrevista 04 diz que, “no meu tempo, abian não poderia dizer *motumbá*, *motumbá* é para os *adoxados*²¹, o *motumbá* servia para a gente saber quem era feito no santo e quem não era, hoje em dia não tá assim” porém, segundo *Babá*, esta forma não estava errada, mas fora da ordem praticada no terreiro, vejo isto como peculiaridade da comunicação virtual que horizontaliza, ou seja, coloca todos em um mesmo patamar. Se na roça, no espaço *off-line*, é possível distribuir os sujeitos no espaço conforme cargo, no grupo online, isso é mais complicado, mesmo assim houve um momento dedicado somente ao assunto.

Neste momento foi explicado o porquê, a importância e como pedir a *bença*, deparei-me com uma gama de especificidades para um ato que até então parecia tão simples e corriqueiro, quase sem significado, porém no candomblé nada é simples ou sem significado, tanto que *Babá* tomou bastante tempo para este assunto, utilizou texto, áudio e vídeo para passar o ensinamento.

Aprendemos no grupo que existe uma ordem para tomar a *bença*, sempre do mais velho para o mais novo, respeitando sempre os cargos e idades de santo, que abian tem que pedir *bença* e, o *motumbá* é só para os iniciados. Aprendemos também que *adobá* é uma outra forma de se tomar a *bença*, mais comum de acontecer dentro do terreiro, sendo

¹⁷ A grafia correta é Benção, no entanto prefiro utilizar a forma como falamos no grupo, Bença.

¹⁸ Posto masculino. Ver glossário na página 47

¹⁹ Posto feminino. Ver glossário na página 47

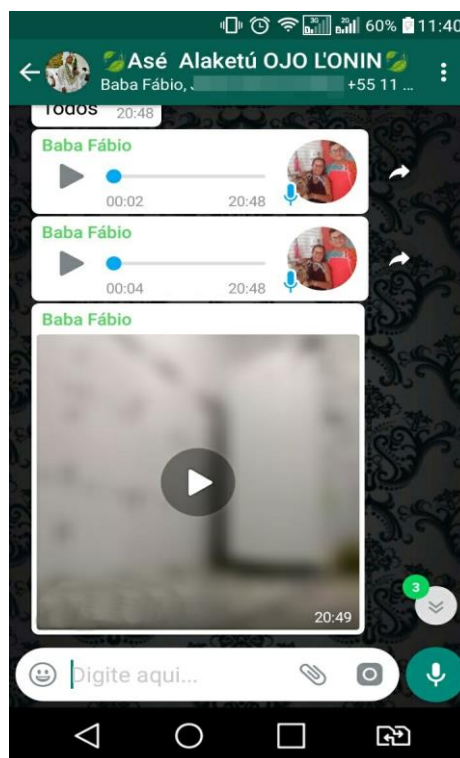
²⁰ Irmão mais velho. Ver glossário na página 47

²¹ Iniciado no culto. Ver glossário na página 47

realizado de modo diferente de acordo com o seu Orixá, ou seja se é *Oborô*²² ou *Iyabá*²³, existem momentos específicos em que se deve realizar o *adobá*.

Para que o ensinamento sobre esta forma ficasse mais claro, foi enviado um vídeo onde *Babá*, realiza o *adobá*, tanto para o *Oborô*, quanto para *Iyabá*, a imagem abaixo demonstra o momento em que o vídeo fora enviado.

Figura 06: Babá envia vídeo ensinando o *adobá*.



Fonte: acervo pessoal (2018).

A partir daí foi possível entender que é melhor pedir *bença* a alguém mais novo ou não iniciado do que errar ignorando um mais velho, parente ou alguém de cargo, pois a *bença* também é respeito ao cargo e a trajetória daquela pessoa.

Isto me fez repensar alguns atos fora da religião. Em famílias tradicionais, é comum pedir a *bença* aos pais, tios, avós etc. em sinal de respeito, ato simples, mas também carregado de significado que percebi ter parado de realizar, ou seja o que aprendi no grupo virtual me fez modificar o meu modo de agir no mundo real, inclusive fora da religião.

O objetivo desse momento de aprendizagem, foi modificar e normatizar o modo como pedimos a *bença*, respeitando e realizando o que deve ser feito. Algumas coisas mudaram ao

²² Orixá masculino.

²³ Orixá Feminino.

longo dos anos, mas o ato, a tradição de abençoar continua presente no contexto da religião, algumas dessas modificações ou adaptações ocorreram por conta de higiene, em alguns casos, como o ato de beijar as mãos, já extinto para alguns, mas o respeito e a sua importância devem continuar perdurando por muito mais tempo.

5. NANÃ, EXU E OGUM: O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO AS TDICES

NANÃ PROÍBE INSTRUMENTOS DE METAL NOS SEUS CULTOS

*A rivalidade entre Nanã Burucu e Ogum data de tempos.
Ogum, o ferreiro guerreiro,
Era o proprietário de todos os metais.
Eram de Ogum os instrumentos de ferro e aço.
Por isso era tão considerado entre os orixás,
Pois dele todas as outras divindades dependiam.
Sem a licença de Ogum não havia sacrifício;
Sem sacrifício não havia orixá.
Ogum é o Oluobé, o Senhor da Faca.
Todos os orixás o reverenciavam.
Mesmo antes de comer pediam licença a ele
pelo uso da faca, o obé com que se abatiam os animais
e se preparava a comida sacrificial.
Contrariada com essa procedência dada a Ogum,
Nanã disse que não precisava de Ogum para nada,
Pois se julgava mais importante do que ele.
“Quero ver como vais comer,
Sem faca para matar os animais” disse Ogum.
Ela aceitou o desafio e nunca mais usou a faca.
Foi sua decisão de que, no futuro,
Nenhum de seus seguidores se utilizaria de objetos de metal
para qualquer cerimônia em seu louvor.
Que os sacrifícios feitos a ela
fossem feitos sem a faca,
Sem precisar da licença de Ogum.
(PRANDI, 2001. P, 200)*

Ao contrário de Nanã, Ogum é jovial, guerreiro, ferreiro, é o dono do metal, sem o qual não seria possível muitos dos avanços tecnológicos, por este motivo é considerado o patrono da tecnologia, juntamente com Exú, presente nas inúmeras encruzilhadas formadas pela rede mundial de computadores e, por ser considerado o mensageiro dos orixás sendo mestre das comunicações, sem a qual não teria sentido a tecnologia. Sendo assim nada mais justo do que dividirem o domínio das TDICES.

Desde aqueles tempos Nanã nem seus filhos utilizam o metal nos ritos, é *ewó* deste orixá, sendo assim, associa a recusa desta *Iyabá* a utilizar utensílios de metal, a resistência de muitos a utilizar-se da tecnologia, no entanto, Nanã também é a dona

do saber, saber que nas mãos de Ogum e Exú torna-se tecnologia, assim acredito que é sim possível manter tradição e tecnologia trabalhando juntos, pois a tradição do candomblé não é algo estático, mas que se renova e se adapta aos novos tempos, assim o candomblé e seus praticantes vão se adaptando a tecnologia, da mesma forma que foram se adaptando aos diversos momentos da história.

Há cerca de 400 anos atrás, a religião dos orixás chegou ao Brasil nos navios negreiros, naquela época, proibida e reprimida, persistiu tímida e infante nos cantos das senzalas, mais tarde os negros libertos criaram em seus quilombos as primeiras casas de axé do país, neste período longe das cidades e escondidos nos morros, os atabaques soavam mais baixo, calados pelas investidas da polícia, somente mais tarde os terreiros desceram os morros e começaram a ocupar os grandes centros urbanos sem a interferência da polícia em seus cultos

Outrora, os Orixás não vestiam finas roupas de *richileau*²⁴, nem portavam ricos ornamentos, tampouco seus *Igbá*²⁵ eram de louça chinesa ou cristal italiano. O que ocorreu durante esse tempo foi adaptação, seja forçada ou espontânea, houve adaptação a cada momento vivido pela religião. E mais uma vez o candomblé está em processo adaptativo, agora pela emergência da contemporaneidade e mediado pela tecnologia, que se não é determinante, com certeza podemos entendê-la como condicionante a mudança.

No processo de adaptação grandes casas de axé publicam livros sobre a religião e assim confirmam a escrita como mais uma das ferramentas do candomblé, mais tarde com o intuito da democratização do conhecimento, a religião começa a dominar também o ciberespaço, a ponto de tornar-se comum casas tradicionais manterem sites ou páginas em rede social, nesse período diversos estudiosos da área organizaram trabalhos tratando sobre o impacto das TDICES para a religião, porém não há um consenso sobre os benefícios ou malefícios.

É necessário pensar que na sua raiz a palavra tecnologia, abrange a toda e qualquer ferramenta que facilite a nossa vida, sendo assim é possível perceber a religião se utilizando da tecnologia diariamente nos seus afazeres, por exemplo, se antes a comida de santo só era preparada em fogão a lenha, hoje o fogão a gás é indispensável na maioria dos terreiros sem nenhum agravo para o santo, essa mesma prerrogativa é vista com a luz elétrica, o chuveiro quente, etc.

²⁴ Tecido bordado. Ver glossário na página 47

²⁵ Representação física do Orixá. Ver glossário na página 47

O que quero dizer é, os processos adaptativos vividos pela religião, representam, em alguns momentos, cisões e abandono de velhos costumes, no entanto também há ganhos significativos, seja com praticidade, estética, etc. Nem tudo é perda, no quesito uso do whatsapp, por exemplo o entrevistado 04 diz que o aplicativo possibilita “ trocas com as pessoas de outros *axé*, por exemplo com as netas de baba, que moram em São Paulo”, sem o *app*²⁶ essa troca não seria viável sem que houvesse deslocamento.

Do processo de adaptação, também fazem parte das estratégias de sobrevivência dos Candomblé, principalmente quando o culto acontece nas grandes metrópoles, Silva (2002) diz que,

A história do desenvolvimento do campo afro-brasileiro parece mostrar que as estratégias que obtiveram melhor sucesso foram aquelas adotadas pelas comunidades que, mesmo sob a égide da tradição, mantêm atualizados os conteúdos ou significados de suas práticas rituais. Nesse processo, o carisma das lideranças religiosas assume um papel fundamental: seja desafiando e reiterando a tradição. (SILVA, 2002, p.12)

As estratégias de que fala Silva, são aquelas que envolvem a adaptação de alguns ritos e o uso da tecnologia dentro dos terreiros, ponto que causa ainda certos conflitos para a religião, principalmente entre os mais tradicionais.

Percebo então, que o ponto de diferença é saber como utilizar a tecnologia, nas entrevistas os integrantes demonstram certa preocupação de não tornar o whatsapp como fonte principal de conhecimento da religião, de acordo com a entrevista 02 “o whatsapp pode se tornar um vício... se vc não souber lidar acaba desgastando seu modo de aprender”, neste caso um alerta para não tornar o aplicativo como um substituto do terreiro, um vício diante do que seria o correto.

Entendo o “correto” como referência ao aprendizado obtido apenas dentro do terreiro, no entanto com a mudança no padrão de vida dos adeptos assim como o tempo cada vez mais escasso atualmente, o whatsapp acaba funcionando como os antigos cadernos que Babalorixás e Yalorixás mantinham secretamente, para recorrer em caso de esquecer alguma reza, ou receita de *ebó*²⁷.

²⁶ Abreviação para Aplicativo.

²⁷ Oferenda. Ver glossário na página 47.

5.1. É O FIM DO TERREIRO?

Pouco é dito sobre os benefícios de utilizar as TDICES no candomblé, provavelmente por terem poucos ousados a se utilizar desta tecnologia como ferramenta para a transmissão de saber, sendo até proibido o uso do aplicativo whatsapp em algumas casas pois, acredita-se que a tradição sucumbirá perante a contemporaneidade, entre outros porquês, no entanto como expus aqui, não é isso que se vê acontecer.

Sei que dentro dos muros do terreiro, o aprendizado pode acontecer todo o tempo, e a qualquer momento, cabe ao filho de santo estar atento aos momentos, o mais simples gesto pode significar muitas coisas, que podem passar despercebidos a olhos despreparados (CONCEIÇÃO, 2006). Dentro do aplicativo não temos tantas singularidades e riqueza de sinais como no terreiro, os momentos de aprendizagem são mais diretos e pontuados, ficando o aprendizado subjetivo nos momentos de interação corriqueira.

Posso dizer então que aprender no *Ilê* e aprender no aplicativo, são complementares onde um campo alimenta e movimenta o outro, pois, as TDICES, representadas aqui pelo whatsapp, não tem o objetivo de acabar com práticas anteriores já existentes, pelo contrário o que se propõe é o diálogo. Em relação ao uso específico do whatsapp, percebo na fala do *Babalorixá*, algo que confirma esta afirmação, pois para ele este novo *espaçotempo*, criado pelas TDICES, é uma extensão do terreiro, tanto que, de certa forma, tenta reproduzir os seus costumes, organização e hierarquia, como exemplo, só as pessoas mais velhas no santo podem ser administradoras do grupo.

Nesse sentido, ao observar um dos princípios da cultura contemporânea, apresentados por Santos & Santos (2012), o princípio da reconfiguração, reafirma-se que os espaços físicos não são substituídos pelo espaço virtual. O que acontece é adaptação aos novos momentos da sociedade, sendo assim o grupo virtual ao invés de excluir, na verdade também compõe o espaço do terreiro, pois “a reconfiguração de um meio tradicional não significa o seu fim, mas a sua readaptação em um novo contexto” (SANTOS & SANTOS, 2012. Pg 165).

Outro exemplo dessa ligação ao espaço físico é o fato de a vivência estar sempre em evidência nas interações do grupo, isto acontece pois trata-se de uma das bases para a pedagogia do candomblé praticada dentro dos terreiros e também atuante no grupo do aplicativo. Em uma das entrevistas foi dito que o aprendizado é recebido de forma diferente por aqueles que já possuem trajetória no axé – vivência e aqueles que não a tem ainda,

Olha, quem é de fora não “aprende” muita coisa, você para saber fazer e aprender, tem que ser de dentro. Você fazer *ebó*, todos os *ebó* necessários na sua vida, você ser iniciado *Ogan* ou virante, um cargo lá... aí sim você vai vendo como se faz tal coisa, como faz um *ebó* para tal coisa, aí você vai vendo e vai aprendendo. (ENTREVISTA 04)

Ou seja, aqueles que não participam do cotidiano do terreiro recebem o mesmo aprendizado que os demais, no entanto a forma como essa informação será recebida e processada, ocorre de acordo com condição de cada um, sendo iniciado ou não no culto, isto é, o não iniciado não tem a prática para completar o ensinamento, pois no grupo aprendemos a “teoria”, o saber como fazer, mas somente a vivência proporciona a prática, o saber fazer.

Entendo o “saber fazer” não apenas relacionado a atividades manuais como a preparação de um *Acaçá*²⁸, mas também a atividades pertencentes ao elemento artístico, como entoar corretamente um *Orin*, sendo assim o saber fazer, quando relacionado a atividades não manuais ou práticas, são observadas no grupo por *Babá*, como fruto de algum ensinamento anterior passado por ele a *egbé*, e serve como um dos mecanismos para verificar o aprendizado, da seguinte forma,

A certeza que eles aprenderam, é quando eles interagem, e quando nesse dia ou futuramente, quando surge novamente esse assunto e eles já interagem usando aquela resposta que aprenderam, ou em algumas vezes até falam, como o senhor mesmo ensinou (Babalorixá Fabio Gomes).

Outro meio para verificar o que foi aprendido ocorre dentro do terreiro, quando os conhecimentos aprendidos são postos em prática, portanto é perceptível que o desenrolar da tecnologia não tem por objetivo o fim dos terreiros de candomblé, pois é o espaço físico que irá produzir e dar manutenção aquilo que é discutido no ambiente conectado.

Diante do exposto, creio que já é fato que não é possível a tecnologia substituir o terreiro, pois o conhecimento da internet precisa do aporte físico do terreiro, Previtalli (2014) diz que “o conhecimento dos segredos, do fazer do candomblé transmitidos oralmente, somente desapareceria se não existissem mais os terreiros onde os novatos recebem a formação por meio das iniciações”, e continua dizendo que é impossível ser iniciado pela internet, sendo assim é preciso vivenciar o conhecimento, o que está exposto na internet é de caráter informativo que tem significado apenas através da dinâmica do terreiro.

²⁸ Comida ritual. Ver glossário na página 47.

6. OXALÁ ANUNCIA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que expus, acredito que os objetivos propostos nesta pesquisa foram atendidos, assim como os questionamentos, pois percebo que o uso pelos integrantes do terreiro é voltado para o aprendizado, para manter contato com família, tratar coisas referente ao nosso axé, e conhecer novos membros da *egbé* pois sempre que há um novo no membro do terreiro, ele é apresentado ao grupo, é dito seu posto ou idade de santo ou simplesmente dito que “É de *bença*” assim, Babá Fábio diz a família que aquele novo integrante é apto para abençoar também, o que significa que já passou pelos rituais iniciáticos, e assim é um irmão a mais entre nós, integrado tanto ao grupo de whatsapp quanto ao terreiro, que como dito pelo próprio Babá é uma espécie de anexo do terreiro.

Nesse sentido, o principal uso dado ao whatsapp é como ferramenta para a transmissão do saber, que acontece através de técnicas de ensino utilizadas por *Babá*, para transmitir aos filhos o saber religioso no grupo. Essas técnicas mostradas no desenvolvimento do trabalho partem principalmente do ato de despertar a curiosidade nos filhos, permitindo que se façam perguntas, ato diferente das casas mais tradicionais e de como acontecia antigamente. As enquetes também fazem parte das técnicas para despertar a curiosidade e incitar a interação ou algo como uma competição no grupo, as interações corriqueiras e as discussões propostas por textos enunciativos, comportamentos de filhos de santo, ou ocorridos em algum outro terreiro compõem também as técnicas de ensino, pois como foi visto no texto também servem de aprendizado, assim é possível perceber que o grupo se torna uma comunidade virtual de aprendizagem onde Babá é o mediador pedagógico.

Para que fosse possível se beneficiar do whatsapp de modo a criar uma comunidade virtual de aprendizagem, é preciso que haja adaptação a essa nova realidade, porém as adaptações já fazem parte da dinâmica religiosa pois ao se constituir como religião de origem africana no Brasil, o candomblé teve que se adaptar primeiro ao novo espaço e a diversos momentos da história até se consolidar, como foi exposto no texto. Neste processo de adaptar-se ao tempo em curso a religião deixou de ser uma comunidade oral primária, pois agora a escrita e os arquivos de mídia já fazem parte do seu contexto.

É preciso dizer também que este processo de adaptação, de maneira alguma descaracteriza o candomblé como religião de tradições, pois ao contrário do que pode se pensar, a tradição neste campo não é estática e assim como a Orixá Nanã é também dona do saber e por isso proporciona novos aprendizados, que nas Mãos de Ogum e Exú se

transformam em tecnologia, o candomblé não o deixa de ser ao se abrir aos novos tempos, e as novas tecnologias, como estratégia de sobrevivência nas grandes metrópoles, assim como a contemporaneidade e seus desdobramentos, como as distâncias entre o terreiro e seus filhos.

Exú nesse contexto, emerge como elemento de ligação entre o filho de santo e seu terreiro, assim proporciona a comunicação utilizando como ferramenta o whatsapp, que para os integrantes do Ojo L'onin é visto como um espaço de convivência, onde podem se comunicar e de certa forma encurtar as distâncias, é também um anexo do terreiro, servindo como ponto de encontro e discussão, justificado também pelo fato de o terreiro estar ainda em processo de construção, o que a princípio tornaria inviável a transmissão do saber.

Sendo assim ao contrário do que pensava antes de começar a conhecer um pouco mais do candomblé, o saber não é transmitido apenas de modo oral, mas sim utilizando-se de símbolos e signos que devemos interpretar e aprender, a observação é parte importante do processo e, a pedagogia do candomblé envolve não só a oralidade, mas outros elementos que também contribuem no processo, como o uso do whatsapp que foi integrado ao candomblé, fazendo a pedagogia própria da religião de Conceição (2006) e a inteligência coletiva descrita por Lévy (1999) se encontrem, tornando a inteligência coletiva mais um dos métodos de transmissão do saber no candomblé.

Ao iniciar os conteúdos expostos nesta pesquisa, apresentei o Orixá Exú, aquele que deve ser saudado primeiro, e agora às vésperas de encerrar minha escrita, peço a benção a Oxalá, último Orixá a ser louvado no *xirê*, por este motivo ao ouvir os cânticos a Oxalá, os adeptos da religião sabem que ali se encerra o *xirê*, no entanto isso não significa o fim da festa, mas sim o seu início de fato. Percebo que na dança do *xirê*, o fim encontra o início, oxalá encontra Exú como em um círculo sem fim, e neste momento se inicia as comemorações daquele dia, devido a esta particularidade trago Oxalá nas minhas considerações finais, anunciando o fim desta pesquisa, mas apontando, assim espero, o início ou o caminho para novas incursões nesse campo de pesquisa.

GLOSSÁRIO

As palavras abaixo foram traduzidas por pessoas iniciadas no candomblé que gentilmente se dispuseram a contribuir com este trabalho, as quais muito sou grato, a dizer: Babalorixá Fábio T'Ologunedé, Babalorixá Anderson T'Osogiyán, Táta N'Kisi Ykatamba, Labatynan ty Òyá, Vinicius de Oxum.

Abian - Integrante da religião que ainda não passou pelo ritual de iniciação.

Acaçá - Comida ritual preparada com farinha de milho branco.

Awó - Segredo. Às vezes é dito “fundamento”, são conhecimentos restritos a comunidade que não devem ser acessados por leigos devido ao grau de importância para a religião.

Axé - É a energia vital de tudo que existe. O Axé significa força, garra, é tudo o que somos, é a determinação que temos perante a sociedade ao exercermos nossa fé, é nosso comportamento perante o sagrado, tudo isso é axé.

Ayê - Terra, o mundo onde vivemos.

Babalorixá / Babá - Sacerdote responsável pelo culto. Pai que zela do Orixá. A pessoa que é encarregada de cuidar e servir os deuses da religião africana.

Bori - Ritual que significa dar de comer ao Orí (cabeça), é o primeiro ritual pelo qual passa o novo integrante da comunidade.

Ebó - Oferenda.

Edjé - Sangue, que pode ser animal, mineral ou vegetal.

Egbé - Comunidade.

Egbome - É nosso irmão mais velho, uma pessoa que já passou pelos seus preceitos de Iyawô e tem suas obrigações pagas, ou seja, já arriou sua obrigação de 7 anos.

Eke di - Posto feminino dado aquelas que não manifestam (incorporam).

Ewó - Proibição.

Ilê - Casa.

Igbá - Representação material do Orixá. Igbá é o receptáculo do orixá, é onde ele repousa e por onde "come" pelas mãos dos mortais. É a forma física de falarmos com nosso orixá. Nele consta o *okutar* que é a "joia" pertencente ao orixá e onde ele se faz presente no igbá

Orin - São cânticos rituais para chamar os orixás para dançarem.

Itan - Lenda.

Iyawô / Iaô - Significa noiva do Orixá, mais comumente chamado de noviço (a), são todos os iniciados no culto que passa santo (incorporam Orixá) que ainda não tem *odú igê* ou *ejê* (ritual realizado após 7 anos da iniciação) arriada, ou apresentada. “Filhos de santo”.

Iyabá - Orixá feminino.

N'zô - É a palavra no candomblé de angola para o terreiro/casa, o mesmo que Ilê em iorubá.

Oborô - Orixá masculino.

Ogan - Posto masculino de grande importância dado aqueles que não manifestam (incorporam).

Omin eró - Banho de folhas em infusão.

Orun - Céu

Richilieu - Tecido bordado a mão de origem francesa.

Táta / Tatetu - É a palavra que designa o sacerdote no candomblé de nação angola, o mesmo que Babalorixá em iorubá.

Yalorixá / Yá - Sacerdote feminina responsável pelo culto na nação Ketú, mãe que zela pelo Orixá.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas - Campinas – SP. 2012.
- AMARAL, Adriana. **Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web1**. revista *Fronteiras – estudos midiáticos* 11(1): 14-24, janeiro/abril 2009.
- ANGROSSINO, Michel. **Etnografia e observação participante** (Coleção Pesquisa Qualitativa, U. Flick, Coord.). Porto Alegre: Artmed. 2009.
- AULER, Décio; BAZZO, Wallter A. **Reflexões para a implementação do movimento cts no contexto educacional brasileiro**. *Ciência & Educação*, v.7, n.1, p.1-13, 2001.
- BRANDÃO, Carlos R. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 116 p.
- CAPUTO, Stela G. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CAMUENDO, Ana P. L. A. **Impacto das Experiências laboratoriais na aprendizagem dos alunos no ensino de química**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006
- CONCEIÇÃO, Lúcio A. A. da. **A pedagogia do Candomblé: Aprendizagens, Ritos e Conflitos**. UNEB – Universidade Estadual da Bahia. Salvador - BA. 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1. 8º edição. 1999.
- ECCO, Iranidir; NOGARO, Arnaldo. **A educação em Paulo Freire como processo de humanização**. In III Seminário Internacional de Representações Sociais – Educação. 2015.
- FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel. AMARAL, Adriana. **MÉTODOS DE PESQUISA PARA INTERNET**. Editora Meridional/Sulina, 2011
- FREITAS, Ricardo O. de. **Jovens de terreiro: ciberativismo e protagonismo juvenil entre integrantes de religiões afro-brasileiras em Salvador e região metropolitana**. *Educere et Educare*. Vol.10. Num. 20. jul./dez. 2015. p.611 – 623.
- FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil. Os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro, 2007.
- FURTADO, Raquel A. **A construção e a (tentativa de) desconstrução da “cultura usiminas”:** narrativas ao longo de 50 anos. Belo Horizonte 2011.
- GOZZI, Marcelo P. **Gestão pedagógica em comunidades virtuais orientadas para a aprendizagem: a importância da formação do professor mediador**. São Carlos: Revista eletrônica de educação, 2012.
- HONORATO, Wagner de A. M; REIS, Regina S. F.. **WhatsApp: uma nova ferramenta para o ensino**. In IV SIDTecS - Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. Disponível em: Acesso em: 20/04/2018.

- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34 Ltda. 1999.
- MATHIAS, Emmily F. SANTOS, Gilberto L. **As comunidades virtuais como instrumento de educação corporativa: estudo de caso no Tribunal de Contas da União**. Revista do Serviço Público Brasília 65 (3): 321-334 jul/set 2014.
- MEDEIROS, Gracila G. de. **Repensando o processo de universalização do candomblé**. In Simpósio Nacional da ABHR Juiz de Fora - MG. 2014.
- MEDEIROS, Carlos A. **O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar**. Rio de Janeiro - RJ, setembro de 2004.
- MORAIS, Marina M. **Técnica, socialidade e cibercultura: as redes sociais como extensão dos afetos**. In Anais do 6º Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- PEREIRA, Máira C. A.; CAPUTO, Stela G. **Dialogando com narrativas digitais e aprendizagens nos terreiros de candomblé**. Revista Tempos e Espaços em Educação, 2014.
- RODRIGUES, Tereza. **A utilização do aplicativo WhatsApp por professores em suas práticas pedagógicas**. In anais do 6º Simpósio de Hipertexto e Tecnologia na Educação. (2015).
- ROMÃO, J. E. **Educação**. In. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.) Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SANTOS, Cristiano. H. R dos. **Candomblé na internet: uma cultura de arché na virtualidade**.
- SANTOS, Edméa. O. SANTOS, Rosemary. **Cibercultura: redes educativas e práticas cotidianas**. Pesquiseduca, v. 4, p. 1-183, 2012.
- SILVA, Patrícia F. e. **Axé online: a presença de religiões afro-brasileiras no ciberespaço**. USP – Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. 2013.
- SILVA, Wagner Gonçalves da. **Caminhos da alma. Memória Afro-brasileira**. São Paulo: Editora Selo Negro, 2002.
- SIQUEIRA, Maria de L. **Agô Agô Lonan**. Mazza Edições. Vol nº 1. 1998.
- TRAMONTE, Cristiana. **Religiões afro-brasileiras na Internet: exercendo a cidadania no Cyberespaço**. UFSCAR – Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.
- VARGAS, Francielle A. **Tecnologias enquanto linguagem: desafios e perspectivas das novas linguagens em sala de aula**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- VEIGA, Luciana. & GONDIM, Sônia M.G. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opin. Publica vol.7 no.1 Campinas-SP. 2001.

VERGER, Pierre. **Orixá**. Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador-BA: Corrupio, 1997.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.